



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS  
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS  
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

**RAFAELA NUNES CIRQUEIRA MOTA**

**VÍDEO PERFORMANCE: CICLOS DE METAMORFOSE E LIBERDADE**

**CIDADE DE GOIÁS  
2022**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO  
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

**Identificação da Produção Técnico-Científica**

☐ Tese ☐ Artigo Científico

☐ Dissertação ☐ Capítulo de Livro

☐ Monografia – Especialização ☐ Livro

☒ **TCC - Graduação** ☐ Trabalho Apresentado em Evento ☐ Produto Técnico e Educacional -  
Tipo: Monografia

Nome Completo do Autor: **Rafaela Nunes Cirqueira Mota**

Matrícula: **20191100080048**

Título do Trabalho: **Vídeo Performance: Ciclos de Metamorfose e Liberdade.**

**Autorização - Marque uma das opções**

1. ☒ **Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG** (acesso aberto);

2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data  
\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ (Embargo);

3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

☐ O documento está sujeito a registro de patente.

☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.

☐ Outra justificativa: \_\_\_\_\_

**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O/A referido/a autor/a declara que:

I.o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;

II.obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;

III.cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Goiânia, 12/10/2023.



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

**RAFAELA NUNES CIRQUEIRA MOTA**

**VÍDEO PERFORMANCE: CICLOS DE METAMORFOSE E LIBERDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Graduação no Curso de Licenciatura em Artes Visuais do IFG Câmpus Cidade de Goiás, sob a orientação da professora Renata Falleti.

**CIDADE DE GOIÁS  
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de  
Goiás – Campus Cidade de Goiás

700.904

M917v Mota, Rafaela Nunes Cirqueira.

**Video performance:** ciclos de metamorfose e liberdade / Rafaela Nunes Cirqueira Mota; orientadora, Renata Falleti; co-orientadora, Cristiane Ventura – Cidade de Goiás, 2022.  
66 p.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás, Departamento de Áreas Acadêmicas, Licenciatura em Artes Visuais.

1. Artes visuais. 2. Performance. 3. Ciclos. I. Falleti, Renata, orientadora. II. Ventura, Cristiane, co-orientadora. III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. V. Título.





**INSTITUTO FEDERAL**  
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS  
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

## TERMO DE APROVAÇÃO

**RAFAELA NUNES CIRQUEIRA MOTA**

**VÍDEO PERFORMANCE: CICLOS DE METAMORFOSE E LIBERDADE**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de LICENCIADA EM ARTES VISUAIS e desenvolvido na linha de pesquisa Políticas visuais e processos criativos, sob orientação da Profa. Esp. Renata Tavares de Brito Falleti.

**Aprovado em 22 de novembro de 2022.**

### BANCA EXAMINADORA:

*(assinado eletronicamente)*

Profa. Esp. Renata Tavares de Brito Falleti (Presidente - orientadora)

*(assinado eletronicamente)*

Profa. Ma. Cristiane Moreira Ventura (Membro interno)

*(assinado eletronicamente)*

Profa. Ma. Mirna Kambeba Omagua Yete Anaquiri (Membro externo)

Documento assinado eletronicamente por:

- Cristiane Moreira Ventura, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 23/11/2022 19:27:39.
- Mirna Kambeba Omagua Yete Anaquiri, Mirna Kambeba Omagua Yete Anaquiri - Docente - Fundo Municipal de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino (04973965000111), em 23/11/2022 15:29:07.
- Renata Tavares de Brito Falleti, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLÓGICO, em 23/11/2022 14:43:04.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 22/11/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 348029  
Código de Autenticação: 9ce6d7fe06



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Rua 02, Quadra 10, Lote 01 a 15, Residencial Bauman, Centro, CIDADE DE GOIÁS / GO, CEP 76600-000  
(62) 3371-9057 (ramal: 9057)

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em uma Licenciatura em Artes Visuais no Instituto Federal de Goiás -IFG, Câmpus Cidade de Goiás, tem como defesa uma produção artística com o tema: **“VÍDEO PERFORMANCE: CICLOS DE METAMORFOSE E LIBERDADE”**. A pesquisa tem o intuito de investigar os questionamentos e diferentes conceitos nas definições de metamorfose e liberdade, por meio de artigos e imagens, usando o campo de atuação artística da performance. Campo este, que utiliza o corpo como um objeto vivo de observação e tradução das reflexões e simbologias, juntamente com a ferramenta de vídeo como impulsionadora de possíveis outros ressignificados. A metodologia escolhida e orientada para ser utilizada nesse tipo de pesquisa foi a metodologia da A/R/Tografia, método este que integra as percepções cotidianas e permite a investigação de uma existência que permeia não só os percursos artísticos, mas também os de professora e pesquisadora concomitantemente. Apresento uma primeira performance que eu fiz chamada “Meu corpo livre”, durante o início da pandemia em 2020, entretanto, essa pesquisa de agora, resulta em uma vídeo-performance chamada “Metamorfose que nasce”, ressignificando a primeira performance, com um maior aprofundamento teórico e sequencial. Esse novo material é o que eu gostaria de entregar, tanto a parte teórica quanto a de experiência, totalmente pronto, entretanto ainda está em elaboração. Tenho a pretensão de mostrar algumas cenas do percurso dessa criação durante a apresentação do trabalho.

**Palavras-chave:** Artes Visuais; Performance; Ciclo; Liberdade; Metamorfose.

## **ABSTRACT**

This Course Completion Work (TCC) in a Degree in Visual Arts at the Federal Institute of Goiás -IFG, Câmpus Cidade de Goiás, has as its defense an artistic production with the theme: "VIDEO PERFORMANCE: CYCLES OF METAMORPHOSIS AND FREEDOM". The research aims to investigate the questions and different concepts in the definitions of metamorphosis and freedom, through articles and images, using the artistic field of performance. This field, which uses the body as a living object of observation and translation of reflections and symbolism, together with the video tool as a driver of possible other resignifications. The methodology chosen and oriented to be used in this type of research was the A/R/Tography methodology, a method that integrates everyday perceptions and allows the investigation of an existence that permeates not only artistic paths, but also those of teacher and researcher at the same time. I present a first performance that I did called "Meu corpo livre", during the beginning of the pandemic in 2020, however, this research now results in a video performance called "Metamorfose que nas", giving new meaning to the first performance, with a greater theoretical and sequential deepening. This new material is what I would like to deliver, both the theoretical and experimental parts, completely ready, however it is still under development. I intend to show some scenes from the journey of this creation during the presentation of the work.

**Keywords: Visual Arts; Performance; Cycle; Freedom; Metamorphosis.**

*Então, para que meu percurso inteiramente aconteça, tenho que trazer minha criança, ela é parte do que eu sou, sonha em voar e quer se expressar de diferentes formas. Minha mulher é forte, luta diariamente pelo seu próprio lugar, pela natureza e pela igualdade entre os seres humanos e não humanos. Só assim, eu posso aterrar e é preciso aterrar antes de alçar voos.*

## LISTA DE FIGURAS

|                                                        |    |
|--------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Imagens de Infância 1.....                  | 23 |
| Figura 2 - Print: Instagram residências criativas..... | 24 |
| Figura 3 - Imagens de Infância 2.....                  | 25 |
| Figura 4 - Imagens de Infância 3.....                  | 26 |
| Figura 5 - Fotografia pessoal.....                     | 28 |
| Figura 6 - Meus bordados 1.....                        | 30 |
| Figura 7 - Meus bordados 2.....                        | 30 |
| Figura 8 - Meus Murais 1.....                          | 31 |
| Figura 9 - Meus Murais 2.....                          | 32 |
| Figura 10 - Meus Murais 3.....                         | 32 |
| Figura 11- E-zine.....                                 | 33 |
| Figura 12 - Escultura.....                             | 34 |
| Figura 13 - Troféu Folia.....                          | 35 |
| Figura 14 - Metamorfose .....                          | 42 |
| Figura 15 - Annabelle Dance.....                       | 44 |
| Figura 16 - Pintura Autoral.....                       | 45 |
| Figura 17 - Série Performance “Meu Corpo Livre”.....   | 49 |
| Figura 18 - Referência Artística - Cenário Casulo..... | 52 |
| Figura 19 - Referências Artísticas tecido.....         | 53 |
| Figura 20 - Referências Artísticas árvore.....         | 54 |
| Figura 21 - Referências Artísticas de água 1.....      | 54 |
| Figura 22 - Referências Artísticas de água 2.....      | 55 |
| Figura 23 - Performance Marina Abramovic.....          | 57 |
| Figura 24 - Fotos Nelly Agassi 1.....                  | 58 |
| Figura 25 - Fotos Nelly Agassi 2.....                  | 59 |
| Figura 26 - Fotos Nelly Agassi 3.....                  | 59 |
| Figura 27 - Performance de Ana Mendieta.....           | 60 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                          |           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                                                  | <b>10</b> |
| <b>1. A A/R/TOGRAFIA COMO PERCURSO METODOLÓGICO DE PESQUISA SOBRE PERFORMANCE: CICLOS DE METAMORFOSE E BUSCA PELA LIBERDADE.....</b>                     | <b>13</b> |
| 1.1 A A/R/Tografia como percurso metodológico de investigação do processo criativo em performance.....                                                   | 15        |
| 1.2 Um <i>impulso inventivo</i> : da performance “Meu corpo livre” no contexto da pandemia de COVID-19 à vídeo-performance “Metamorfose que nasce” ..... | 19        |
| <b>2. MOMENTOS DE METAMORFOSE: INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E MEUS CICLOS COM A ARTE.....</b>                                                                  | <b>22</b> |
| 2.1 A Licenciatura em Artes Visuais como percurso de formação artística-investigativa-docente: outros ciclos.....                                        | 27        |
| 2.2 Sobre a história da performance.....                                                                                                                 | 36        |
| 2.3 Sobre a minha história com a performance: ciclos, metamorfose e busca pela liberdade.....                                                            | 41        |
| <b>3. DA PERFORMANCE À VIDEOPERFORMANCE: UMA PRIMEIRA EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA.....</b>                                            | <b>47</b> |
| 3.1 Da performance a vídeo- performance: estruturando a próxima possível experiência.....                                                                | 50        |
| 3.2 Sobre a minha história com a performance: mulheres que me inspiram.....                                                                              | 55        |
| <b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....</b>                                                                                                                        | <b>61</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                                                                                                   | <b>63</b> |
| <b>APÊNDICE.....</b>                                                                                                                                     | <b>65</b> |

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso representa para mim, a inclinação dos meus desejos enquanto artista e como eles se colocam no mundo. Significa a exposição de parte dos fragmentos internos que conheci na minha jornada durante uma pandemia da doença COVID-19, e enquanto estudante de uma Licenciatura em Artes Visuais a partir de uma pesquisa.

A pesquisa tem por objetivo a produção de uma vídeo-performance a partir de uma performance denominada “Meu corpo livre” que realizei durante a Pandemia de COVID-19.

Primeiramente, na seção 1, apresento uma abordagem sobre a modalidade artística que está sendo estudada, a vídeo-performance, o que ela é, um pouco da sua história e seus desdobramentos na atualidade. A metodologia escolhida e orientada para compor todo conjunto de ideias que são desenvolvidas consecutivamente na compreensão da performance e na produção de uma vídeo-performance é uma *Metodologia Baseada em Arte: A/r/tografia*, que possibilita realizar a pesquisa por meio da prática artística, considerando as categorias - uso de metáforas e metonímias, aberturas; questionamento vívido, contiguidade, dentre outras - A *A/r/tografia* é um método que considera a formação e a atuação simultaneamente do artista/pesquisador/professor; os principais autores que subsidiaram esta parte foram: ALVES, (2015); LOPONTE (2014; 2019); ROLDÁN e VIADEL, (2012; 2019).

Em seguida, apresento de modo sequencial e imagético na seção 2 do trabalho, todos os caminhos que formaram, desde a infância, meu direcionamento artístico junto aos pontos de partida que me instigaram até chegar ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Mostro quais foram os meus interesses, reflexões, posicionamentos, conquistas e realizações que encaminharam a presente investigação. Acredito, que a importância deste tema vai além de um processo acadêmico, pois seus questionamentos me atravessaram e atravessam o outro, pois tem a pretensão de criar uma conexão em um âmbito emocional e pessoal de cada um dos indivíduos participantes dessa realização.

Como parte da pesquisa, contar a minha história tem o intuito de sensibilizar, mostrar as minhas relações com a arte, pontuando aspectos específicos de uma realidade contemporânea, por meio de referências e símbolos da minha

subjetividade, enquanto vivenciamos um estado de ser pertencente a um momento político tão difícil junto a uma pandemia mundial.

Desse modo, era indispensável não trazer a presença da minha criança durante a construção e trajetória desta investigação que adentra no meu particular, para tanto, utilizamos JOSSO (2007) como referência de narração de histórias de vida e LARROSA (2002; 2013) sobre arte e experiência. Ainda na segunda seção do trabalho apresento um breve histórico da performance, com base em GOLDBERG (2015); GLUSBERG (2013) e COHEN (2013), contextualizando o processo de metamorfose da borboleta como inspiração e percurso de autoconhecimento, formação pessoal e profissional na área das Artes Visuais, além de ser a narrativa e a metáfora que conduz a produção da vídeo-performance.

O texto também vai apresentar conhecimentos biológicos e fotografias, para adentrar os conceitos de metamorfose não só de uma maneira poética e subjetiva, mas também científica, todas as suas fases e comportamentos, além de trazer alguns artistas que também trabalham utilizando a metáfora da borboleta como objeto de estudo. Do mesmo modo, trago as etimologias da palavra liberdade e suas particularidades, que são pensadas para o aprofundamento de como vai ser simbolicamente representado a definição desses dois conceitos em uma produção no formato de vídeo-performance, ao que se refere às problematizações que serão representadas.

Parte do caminho que direcionou o estudo da área de artes dessa pesquisa é identificado pelo entendimento histórico do movimento artístico do Dadaísmo, já que o campo escolhido foi o da Performance, campo este desenvolvido e mais conhecido mundialmente através dos precursores desse momento existente na história artística. É importante entendermos os aspectos e características que moldaram a necessidade de uma arte que trouxesse as reflexões, e questionamentos que só a performance possibilita. Essa área artística, com o tempo, foi se desenvolvendo até se agregar junto a outras ferramentas que tornassem possível seu aprofundamento, como a fotografia e a filmadora, assim surgindo então a modalidade da vídeo-performance.

Na seção 3 apresento a performance realizada por mim durante o período de Pandemia e o percurso até a concepção e produção de uma vídeo-performance. Mais adiante, compartilho brevemente sobre a história e algumas das obras das mulheres artistas que foram escolhidas para sintetizar as referências teóricas e práticas dessa produção. As artistas são: Marina Abramovic, Nelly Agassi e Ana



Mendieta.

A preferência pela escolha dessas mulheres veio não só da vontade de priorizar pessoas que espelham socialmente a minha trajetória, ou seja, que trilham seu percurso sendo uma mulher, e que carrega junto a elas, todos os seus limites e desafios impostos, mas também veio de uma conexão da minha subjetividade com a sensibilidade que elas trazem a partir do modo como colocam no mundo as relações que podem ser criadas entre corpo e espaço, corpo e interno, através da sua arte performática. Paralelo a isso, pesquisei e trouxe imagens que se aproximam e instigam, as ideias escritas no roteiro da vídeo-performance como um rumo para o melhor desenvolvimento da direção de arte, cenários, cores, figurinos e disposição dos espaços.

Por fim, essa investigação de monografia veio da intenção de dar continuidade a uma performance criada durante o período de pandemia da COVID-19 chamada: "Meu corpo livre". Performance essa, que devido ao cumprimento das normas estabelecidas, não tive a possibilidade de realizá-la fora da minha casa. Trouxe nela, minhas percepções e simbologias que identificam, subjetivamente, como um corpo tem seu processo de metamorfose na atual liberdade social que possuímos. E, agora, trago o intuito de um maior aprofundamento dessas ideias que me motivaram anteriormente, a fim de expandir os próprios horizontes e atravessamentos dessa performance, em novos outros cenários.

## 1. A A/R/TOGRAFIA COMO PERCURSO METODOLÓGICO DE PESQUISA SOBRE PERFORMANCE: CICLOS DE METAMORFOSE E BUSCA PELA LIBERDADE

O objetivo inicial da presente pesquisa era contextualizar uma experiência artística de vídeo-performance, iniciada em período da Pandemia de COVID-19, no ano de 2020, partindo da concepção de uma performance realizada em casa e que se desdobraria em uma nova proposta, desta vez com o recurso de gravação audiovisual da experiência, resultando assim em uma vídeo-performance.

O desdobramento da performance consideraria um elemento fundamental aos meus processos de criação e que se manifesta sempre no que eu realizo material e imaterialmente, que são os ciclos, metaforicamente representados para e por mim na “borboleta” e nos seus processos intrínsecos de existência.

A vídeo-performance, ora concebida como documentação e arquivo, ora como arte em si, foi o mecanismo escolhido para, junto da experiência de performance, apresentar o processo criativo denominado “Origem e Metamorfose” por meio do vídeo:

No final da década de 1960, quando muitos artistas inovadores começaram a se afastar de modos tradicionais como pintura e escultura estática, para lançarem-se a domínios designados como “Escultura Processual”, “Antiforma”, “Arte da Terra”, “Body Art” e variedades de “Arte Conceitual”, **o vídeo se tornou um canal importante através do qual a nova estética poderia ser difundida.** (SHARP, Willoughby, 2013, s/p. Grifo nosso)

Essa concepção do “vídeo” como arte aliado à performance, orientou o processo de pesquisa aqui apresentado, com o foco mais no percurso metodológico de criação do que no produto final. Ainda citando Willoughby Sharp (2013), acerca da história do vídeo inserido nos processos de criação artística:

Na medida em que os artistas passaram a se envolver mais com o processo do que com o produto, as paredes das galerias começaram a dar espaço a telas de vídeo como principal terreno de informação artística. [...] **E a arte se tornou mais imediata, mais pessoal.** [...] Porque **o vídeo é a nova arte. Mais do que apenas uma nova forma ou uma nova ferramenta, o vídeo tem o potencial único de transmitir as aspirações estéticas** de uma geração inteira. [...] Assim como a videoarte está em sua infância, a “videoperformance” está em seu estágio primário de desenvolvimento. O trabalho pioneiro da última década apresentou algumas das possibilidades deste novo modo de criação; indicou o amplo potencial do trabalho relacionado à videoperformance como

uma das áreas contemporâneas mais importantes de exploração estética; assinalou um começo. O futuro, tanto da videoarte quanto da videoperformance, parece tão brilhante quanto as próprias telas de TV totalmente iluminadas e fosforescentes. (SHARP, Willoughby, 2013, s/p. Grifo nosso)

Assim, senti a necessidade de aliar na elaboração e escrita desta pesquisa uma pessoa que me direcionasse aos parâmetros da arte-educação, que foi minha orientadora Renata Falleti, formada em Pedagogia e uma outra pessoa que me integrasse às particularidades de uma pesquisa que necessita dos recursos de filmagem, equipamentos de vídeos e composição de plano fotográfico nos espaços, que foi minha coorientadora Cris Ventura, formada em Letras e Mestra em Estudos da Linguagem.

Acredito que a escolha da vídeo-performance surgiu dessa vivacidade que ela traz, não só como algo contemporâneo mas que apreende os momentos catárticos da performance, e dá a oportunidade de que esse momentos sejam revividos a cada nova observação. A composição de um material de mídia, em formato vídeo torna um percurso do tipo fotográfico, de certo modo estático, pois tem o intuito de criar vínculos a partir do congelamento de um momento visual, já a filmagem, se fragmenta e descongela aquilo que foi captado, onde a cada projeção, vem a ser formada a percepção de novos símbolos, principalmente no que se diz respeito à ideia de contribuição da vídeo-performance enquanto criação artística.

A pesquisa nasce e é realizada a partir de minha formação de artista-pesquisadora-professora no Curso de Licenciatura em Artes Visuais no IFG Câmpus Cidade de Goiás, cujo currículo, por si só, abraça e traz mais de uma possibilidade de atuação no campo das Artes Visuais, além de me despertar para os significados, o sensível e as referências estéticas da minha vida cotidiana.

Compartilhando de minha experiência inicial com a linguagem da performance e o que ela me possibilitou “processar” durante o ciclo em que vivi encasulada - encapsulada, enclausurada, isolada - em casa durante o período de Pandemia, decidi que aprofundaria nesta como uma pesquisa artística que muito me interessava, por lidar comigo mesma, meus conflitos, minhas subjetividades, meus desejos. Desejos de transformação e liberdade.

Na primeira apreciação de meu Projeto de Pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em junho deste ano, fui orientada a fundamentar tomando como referencial a A/R/Tografia, como princípio e percurso metodológico da investigação que eu estava propondo fazer: a produção de uma

vídeo-performance.

Então, a metodologia escolhida para percorrer e estruturar o conjunto de ideias que foram desenvolvidas neste texto, foi a A/R/Tografia, já que a mesma, permite o entendimento de uma realidade híbrida na vivência de uma artista que é professora em formação, além de pesquisadora, simultaneamente.

Introduzimos, de acordo com os autores Charreu e Oliveira (2016, p. 365) em um artigo publicado sobre as contribuições da abordagem Arts-Based Research - ABR de modo mais amplo para as pesquisas educacionais, e de modo conceitual, o que temos compreendido especificamente por A/R/Tografia, conforme o trecho que se segue:

[...] No Brasil a ABR é conhecida como Pesquisa (ou Investigação) Baseada nas Artes (PBA), ou Pesquisa Educacional Baseada nas Artes (PEBA), ou ainda Investigação Educacional Baseada nas Artes (IEBA). Nos países de língua espanhola é explorada como Investigación Basada en las Artes (IBA) e nos países de língua inglesa, Arts-Based Educational Research (ABER) ou simplesmente Arts-Based Research (ABR). **A a/r/tografia é uma das formas de “investigação baseada nas artes”.** (CHARREU; OLIVEIRA, 2016, p. 365)

Situar a A/R/Tografia, ainda que de modo sintético, é importante para compreender as origens do termo e como este vem sendo explorado em diferentes realidades e contextos de pesquisas; os autores ressaltam o campo epistemológico do construcionismo social e da noção de “voz” presente nesta abordagem e o seu potencial na compreensão de fenômenos pesquisados.

O estudo e o aprofundamento que foi possível em A/R/Tografia, sinalizou que este era mesmo o caminho a trilhar nesta investigação, que objetivou a produção de uma vídeo-performance, uma linguagem de arte contemporânea que requer também uma metodologia dos nossos tempos.

### **1.1 A A/R/Tografia como percurso metodológico de investigação do processo criativo em performance**

Em todas as linguagens artísticas e também em outros campos do conhecimento, a pesquisa na contemporaneidade tem buscado metodologias capazes de apresentar aspectos da realidade que não se apresentam somente pelas lentes dos tradicionais instrumentos de levantamento de dados, de cunho qualitativo e quantitativo, embora ainda nos deparemos com “espaços hegemônicos

de pesquisa que demarcaram uma linha entre as interpretações subjetivas e as objetivas, separando o artístico e o científico e perpetuando, dessa maneira, o mito de que a prática em arte não é uma forma de investigação rigorosa”. (SIEGESMUND; VASCONCELLOS, 2019, p. 182).

Como escreveu Eisner (1998, p. 16) *apud* Charreu e Oliveira (2016, p. 366):

[...] as artes e humanidades proporcionaram uma longa tradição de formas de descrever, interpretar, e valorizar o mundo: história, arte, literatura, dança, teatro, poesia e música são algumas das formas mais importantes através das quais os humanos representaram e configuraram as suas experiências. Estas formas nunca foram significativas para a indagação qualitativa por razões que têm a ver com uma **concepção limitada e limitante de saber**.

Luciana Gruppelli Loponte também é uma artista-pesquisadora-professora que vem explorando as metodologias de pesquisa baseadas em arte, especificamente na formação de professoras/es e as relações com as concepções e produção de conhecimento na área; defende a compreensão de arte contemporânea e as aberturas que esta possibilita na constituição do ser docente - *um saber não limitado e não limitante*. Sobre isso, escreveu em 2014:

A arte contemporânea traça novos mapas estéticos e desconcerta as nossas provisórias certezas sobre o que é ou pode ser considerado arte. [...] No entanto, antes de rejeitá-las simplesmente, reação comum quando o que vemos escapa aos nossos referenciais mais caros, **é importante ir um pouco mais além, olhar atentamente o que dizem essas produções sobre nós mesmos e sobre o tempo em que estamos vivendo**. (LOPONTE, 2014, p. 644. Grifo nosso)

De acordo também com Loponte (2019), para além da dualidade entre pesquisa qualitativa e quantitativa, na qual a natureza das investigações em arte definitivamente não se encaixam, pois que a importância não reside nos parâmetros de validade e/ou verdade, mas na experiência em si - o que ela contém e promove de reflexão, inventividade e sensações -, e que nem sempre se traduz em palavras e/ou números, há de se aliar cada vez mais os pressupostos teóricos com a metodologia de pesquisa escolhida para realizar uma investigação.

A área de Artes Visuais é um exemplo de que as pesquisas carecem de outros pressupostos e percursos que atendam aos objetivos nem sempre mensuráveis ou simples de descrever, ou ainda, passíveis de interpretação, mas que requerem elementos de compreensão muito próprios, como o da experiência e do processo criativo em performance.

Segundo a pesquisadora Daniele de Sá Alves (2015), a arte é um elemento

essencial para a vida em sociedade, não há como não considerar a sua inserção no desenvolvimento das pesquisas. Daí a proposta do aprofundamento na a/r/tografia que é uma metodologia que busca entender os processos educativos de forma complexa e profunda, contemplando a possibilidade de um mesmo sujeito absorver/somar características e processos próprios do ser educador (professor/aluno), ser pesquisador (investigador) e ser artista (músico, poeta, pintor, bailarino,...) simultaneamente.

Conforme define Alves (2015, p.11) acerca de a/r/tografia:

[...] **“metodologia de pesquisa educacional baseada em arte”**, que contempla a possibilidade de um mesmo sujeito absorver identidades e processos próprios do ser professor, ser pesquisador e ser artista, concomitantemente. A proposta da professora e pesquisadora Rita Irwin da Universidade da Colúmbia Britânica em Vancouver, entende a **ligação e o entrecruzamento dessas três condições, sendo possível assumir-se como artista-pesquisador-professor já que teoria e prática dos três elementos se relacionam já na sua essência.**

E continua:

O fragmento do **termo A/R/T diz respeito metaforicamente à soma da representação dos três conceitos em inglês – Artist, Reseacher, Teacher, em conjunto com “grafia”, enfocando a representação em si.** Dessa forma, o “artógrafo” é o termo utilizado para a designação do artista-pesquisador-professor, como **protagonista de um processo, capaz de mesclar teoria, prática, poética, criação, expressão, registro e sistematização.** ( ALVES, 2015, p.11. Grifo nosso)

Consideramos a partir desta metodologia que se baseia na arte e no próprio processo artístico, conforme Rita Irwin, a fundadora, postulou que a pesquisa não acontece só no momento da prática artística, no caso deste trabalho, a performance, mas também se estende a todo um conjunto de detalhes, percepções e reflexões surgidas durante a vivência diária de um artógrafo que é artista-pesquisador-professor, **como protagonista de um processo, capaz de mesclar teoria, prática, poética, criação, expressão, registro e sistematização.**

Esta síntese de atividades inseparáveis que também caracterizam o meu processo criativo, atribui à a/r/tografia um tipo de pesquisa baseada em arte que tenho conhecido cada vez mais e me identificado com o potencial construtivo e de despertar que ela possibilita, pontos estes que preciso utilizar como ferramenta de aprofundamento do meu estudo. A criatividade traz o meu “eu subjetivo” e tudo

aquilo que uso para criar vínculos com o leitor e espectador da minha obra, para então promover reflexões, significados que são inerentes a todos os fragmentos do meu processo de performance.

Conforme reafirmou Belidson Dias (2018, p.06), na a/r/tografia saber, fazer e realizar se fundem. Eles se fundem e se dispersam criando uma linguagem mestiça, híbrida. Linguagem das fronteiras da auto e etnografia e de gêneros. O artógrafo, o praticante da a/r/tografia, integra estes múltiplos e flexíveis papéis nas suas vidas profissionais. Não está interessado em identidade, só em papéis temporais. Vive num mundo de intervalos tempo/espaço, em espaços liminares, terceiros espaços, entre lugares. Busca vários espaços, desde aqueles que nem são isso nem aquilo, àqueles que são isso e aquilo ao mesmo tempo. Busca diálogo, mediação e conversação.

Esse método de pesquisa escolhido favorece a liberdade na análise de me mover entre os diversos caminhos presentes no meu cotidiano, possibilitando assumir as várias posições no decorrer do percurso de criação, não obrigando atribuir uma resposta única e universal a respeito do objeto final materializado; sua busca diz mais sobre o processo do que um resultado pré-determinado, é um caminho que se volta para as questões que podem surgir durante o experimento, até mesmo as que desviam a pesquisa do objeto final. ( DIAS, 2018, p.06)

Indicar a metodologia específica que nasce no campo das investigações em arte, não significa uma apropriação pura, neutra e direta da a/r/tografia, numa defesa como aquela construída pela racionalidade da verdade científica, ou como numa transposição didática, mas numa **compreensão de como um método pode organicamente estar atrelado à experiência artística**, em seu processo, assim como o que se objetivou neste trabalho: a criação de uma vídeo-performance. Ainda de acordo com Loponte (2019):

Se a investigação dita como “científica” é marcada historicamente pela dualidade, como a distinção e separação entre sujeito e objeto, as metodologias de pesquisa que se baseiam em arte rompem com as dicotomias, propondo que **existem outros modos de conhecer que, juntamente com os modos considerados estritamente “científicos” podem contribuir para pensar a respeito de problemas humanos e sociais e, inclusive, os problemas educativos.** (LOPONTE, 2019, p. 488. Grifo nosso)

A problemática circundante entre a definição de um percurso metodológico na pesquisa em arte e a sua validade como campo de conhecimento científico foi exatamente delineado pelos pesquisadores Roldán e Viadel (2012), que

escreveram:

[...] a ideia chave das Metodologias Artísticas de Pesquisa é simples: “aproveitar as artes para fazer investigação”: Por que usar as artes para fazer pesquisa é uma arriscada e chamativa novidade? Porque a criação artística e a pesquisa científica são campos de conhecimento que são muito especializados e historicamente foram rotundamente diferenciados. [...] De forma talvez demasiado taxativa, habitualmente se diferencia entre a objetividade, exatidão e rigor da ciência, e a liberdade e subjetividade das artes. Por isso, quando unimos os termos ‘arte’ e ‘pesquisa’ parece que estamos forçando o sentido estrito das palavras (tradução nossa). (ROLDÁN, VIADÉL, 2012, p. 25-26 *apud* LOPONTE, 2019, p.489).

Na contramão deste entendimento é que consideramos a A/R/Tografia como caminho possível de pesquisa - portanto, com pressupostos, instrumentos e categorias que vão se desvelando com o ato criativo, neste caso, específico à performance - e que “os resultados” da investigação correspondam aos objetivos elencados inicialmente, com elementos da inventividade e da experiência conhecidos apenas a posteriori, *no território de criação*:

Antes da emergência de um tipo de investigação que tenha a arte como um de seus pressupostos, **já aprendemos com Nietzsche o quanto esquecemos milenarmente do nosso impulso inventivo, da nossa capacidade de metaforizar o mundo, e que é na arte que podemos encontrar território para abrigar nossa vontade de criação**: Esse impulso à formação de metáforas, esse impulso fundamental do homem, que não se pode deixar de levar em conta nem por um instante, porque com isso o homem mesmo não seria levado em conta [...] (LOPONTE, 2019, p.489. Grifo nosso).

Neste caminho a ser trilhado, o ***impulso inventivo*** é super importante, o motivador, a condição da produção artística que só seria possível com a abertura deste ***território de criação***, um verdadeiro desafio vivido no último ano de formação em Artes Visuais, com tantas funções, ainda me propus a ***metaforizar o mundo***, através de símbolos e partindo de minhas subjetividades.

## 1.2 Um ***impulso inventivo***: da performance “Meu corpo livre” no contexto da pandemia de COVID-19 à vídeo-performance “Metamorfose que nasce”

Durante o período de Pandemia de COVID-19 realizei uma busca para compreender de modo mais profundo a linguagem da performance, como expressão de uma arte híbrida, mas que nasceu em meu percurso de artista-pesquisadora-professora em Artes Visuais, mais precisamente na disciplina de Visualidades e Corpo e ainda: que tinha a ver com as minhas inquietações,



conflitos, “nós” e tudo o mais que constituiu a minha subjetividade e que me atravessou neste tempo de estar em casa, de viver o que considerei ser um “casulo”.

Penso que durante este período todos buscamos novos sentidos através do que nos rodeia, um outro vislumbamento e ressignificações das palavras que antes nos sustentavam, concordando com Loponte (2020):

Que palavras precisaremos inventar para nomear o que estamos vivendo nesta pandemia global? Enquanto não as inventamos, damos novos sentidos àquelas já tão gastas pelo uso: espera, angústia, tensão, medo, indignação, ausência. [...] O que a arte tem a dizer? Ou o que a arte nos ajuda a dizer? Não há respostas prontas, já sabemos. **Há respostas urgentes e necessárias [...] que nos ajudam a colocar a cabeça para fora e vislumbrar horizontes. Alguns artistas contemporâneos, com suas invenções improváveis, nos impulsionam. [...] Que a potência crítica e criativa que a arte possibilita seja o único vírus que nos contamine.** (LOPONTE, 2020, p. 36-37. Grifo nosso)

Foi uma *invenção improvável*, um modo de me colocar em movimento diante da inércia provocada por aquele momento, porém foi o que *impulsionou a minha potência crítica e criativa* para materializar tudo o que estava sentindo. Apresento a concepção e o percurso da realização da performance, que para mim foi um experimento de “metamorfose”, trazendo a transformação de um estado de amarras - “Meu corpo livre” para os consecutivos estágios “da borboleta”, que detalho melhor na seção 3 deste trabalho.

Tomei a performance e o meu processo criativo - *impulso inventivo* - como ‘objeto de pesquisa’ e me perguntei quais os elementos da a/r/tografia me possibilitaram construir um percurso metodológico de uma vídeo-performance, aprimorando palavras/significados que para mim faziam e fazem muito sentido. Em artigo de 2019, Roldán e Viadel (p. 881) ao fundamentarem epistemologicamente a/r/tografia, apresentaram os conceitos fundamentais desta metodologia, sobre os quais retomaremos mais adiante, em uma tentativa de aproximação:

Una de las modalidades metodológicas de Investigación Basada en Artes es la A/r/tografía, que apareció en 2003 impulsada por Rita Irwin, como unificación coherente y equilibrada de los propósitos artísticos, educativos e investigadores. **Sus conceptos metodológicos fundamentales son la indagación vital, las metáforas y metonimias, las reverberaciones y la búsqueda de sentido en la combinación de textos e imágenes.** Tanto la

Investigación Basada en Artes como la A/r/tografía se despliegan en cualquier especialidad artística (artes visuales, danza, literatura, música, teatro, etc.) y por lo tanto se convierten en la zona de reunión entre las innovaciones metodológicas cualitativas de las ciencias humanas y sociales, y las tendencias comunitarias, participativas y sociales del arte contemporáneo, como el 'Artivismo'. (ROLDÁN; VIADEL, 2019, p. 881. Grifo nosso)

Estes são conceitos metodológicos específicos da a/r/tografia - ***Indagação vital, metáforas e metonímias, reverberações, busca de sentido e combinação de textos e imagens*** - que compõem e estão presentes em minha pesquisa do início ao fim. São pressupostos e também abordagens de compreensão, reflexão e análise que permeiam todo este processo e vão subsidiar algumas considerações, ao término do ciclo de escrita deste texto.

Conhecer cada um dos conceitos, conforme explicam também os autores Charreu e Oliveira (2016, p. 377-378) possibilita entender o caminho de investigação que partiu da performance “Meu corpo livre”, para a produção de uma vídeo-performance como aprofundamento de minha experiência artística.

Em se tratando de pesquisa e ensino, **desejamos que as possibilidades advindas das práticas artísticas promovam distintas formas de aprender e conhecer**, pois o conhecimento também deriva da experiência. Também desejamos que as abordagens heterogêneas de investigação desconcertem modos de ensinar e de selecionar o que deve ser mostrado, indagado, produzido. **Que sejamos mais ousados, mais desafiantes e também mais convictos de que as conexões e relações entre arte, experiência, contexto e criticidade nos formam e nos transformam.** (SIEGESMUND; VASCONCELLOS, 2019, p. 192).

Ao final desse primeiro texto do TCC, consigo perceber o quanto venho aprendendo sobre as possibilidades que encontro nas práticas artísticas que desenvolvo e das quais participo; e ainda que seja um desafio colocar nossa subjetividade exposta em um trabalho de pesquisa, o que requer tempo e ousadia, preciso concordar com os autores Siegesmund e Vasconcellos (2019), quando afirmam que *as conexões e relações entre arte, experiência, contexto e criticidade nos formam e nos transformam*.

Sobre isso ainda, no próximo capítulo, retomo alguns momentos de ciclos importantes da minha vida, um tempo marcado pela infância e adolescência, em que percebi e percebo transformações e continuidades dos meus diversos e tantos encontros e retornos à arte.

## **2. MOMENTOS DE METAMORFOSE: INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E MEUS CICLOS COM A ARTE**

Me pergunto, escrevendo este texto monográfico resultante de uma pesquisa em performance, se a experiência é a de finalizar ou a de iniciar um novo ciclo. Acredito que os dois... E, ainda melhor, que o nome desta pesquisa - "Vídeo - performance: Ciclos de Metamorfose e Liberdade" - , poderia até mesmo dizer sobre o como agora transcrevo um fragmento de mim para estas páginas e para um possível leitor.

Apresento nesta parte a minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, que se mistura às minhas subjetividades, percepções, questionamentos, trabalhos e questões várias da minha sensível travessia enquanto artista-pesquisadora-para-então arte-educadora.

No decorrer deste trabalho, me entendo como pesquisadora ao me deparar com os princípios de uma metodologia específica da arte, denominada a/r/tografia, abordagem esta, em que cada detalhe do meu cotidiano se torna uma possibilidade de estudo e aprofundamento da minha arte. Minha pesquisa só é possível ser, a partir do momento em que ela atravessa e repassa a minha sensibilidade enquanto artista, minha identidade enquanto professora e o meu percurso enquanto pesquisadora, sendo estes, processos experimentados simultaneamente, que tornam assim, o meu cotidiano, as minhas experiências, como objeto da minha arte e como a subjetividade dela acontece.

A arte é uma experiência que, de maneira simultânea, atrai nossos sentidos, emoções e intelecto. A razão pela qual precisamos de arte e a criamos tem a ver com a sua capacidade de nos fazer sentir vivos e descobrir o que não sabíamos que sabemos, ou o que não tínhamos nos dado conta antes, inclusive quando está presente frente a nós.(Fernando Hernández, 2013, p.54)

Desse modo, se torna concebível mostrar um terço dos significados desse caminho que vão ser colocados aqui. Digo um terço, pois acredito que processos assim, nunca poderão ser inteiramente escritos, já que partes da arte nunca vão poder ser racionalizadas por palavras, mas somente por sensações, como apresentado no capítulo anterior.

Construir um texto que reflete as minhas memórias é também apresentar como a arte se tornou parte do meu viver, já que comigo a trago, inerente em todos os meus dias e conto aqui os passos que me permitiram chegar ao fim do Curso de

Licenciatura em Artes Visuais. Parafraseando Marie-Christine Josso (2007, p. 413) “As narrativas centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto”.

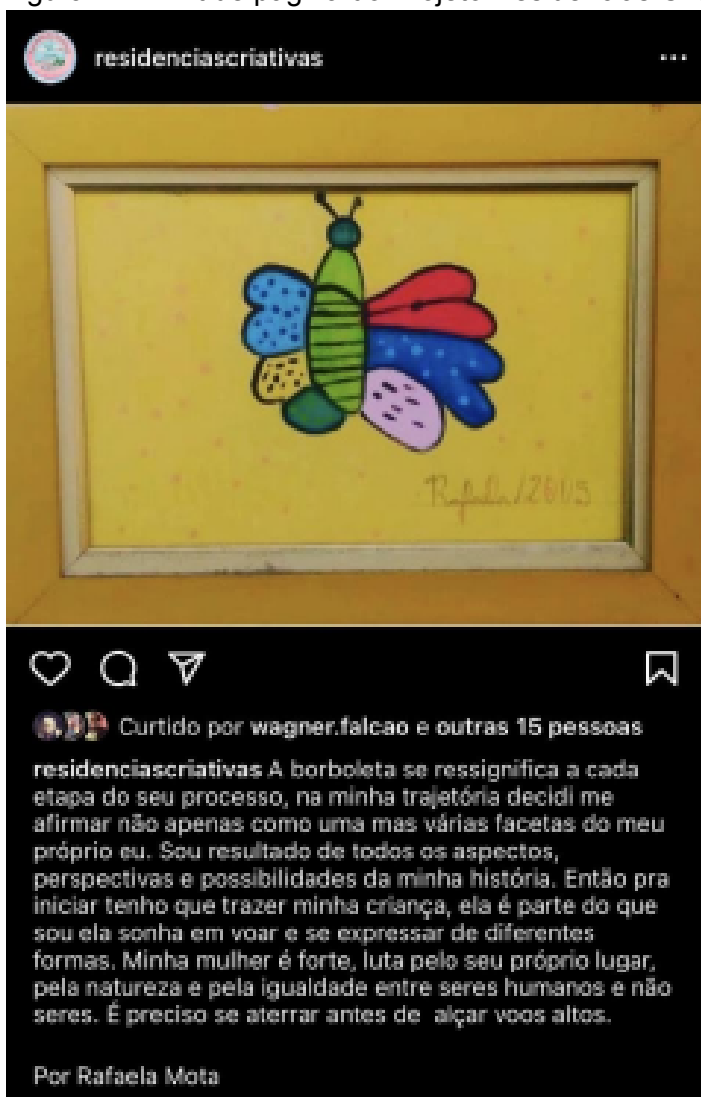
O contato que tive com a arte começou desde muito pequena, e nunca tive paixão por uma área específica dela, mas sim por várias. Sempre fui curiosa e até hoje me entrego em todas as oportunidades que a arte me convida e me permite fazer parte. Meu primeiro ciclo de contato com a arte começou por meio da pintura, eu deveria ter em torno de 6 anos, isso aconteceu a partir de uma admiração muito especial que eu tenho pelas borboletas, desde pequena, elas sempre me acompanharam e me inspiraram e trouxeram aprendizados sobre o viver. Meus trabalhos estão cheios delas, então agora, seria imprescindível trazê-las neste momento tão importante da minha trajetória.

Figura 1- Imagens de Infância 1: Pintura realizada por mim, aos 6 anos.



Fonte: Acervo Próprio.

Figura 2 - Print de página do Projeto Residências Criativas do Instagram



Fonte: Acervo próprio.

*“A borboleta se ressignifica a cada momento do seu processo, na minha trajetória decidi me afirmar não apenas como uma, mas várias facetas do meu próprio eu. Sou o resultado de todos os aspectos, perspectivas e possibilidades da minha história”.*

Com o passar dos anos, entrei no que considero o meu segundo ciclo da infância, e nele me encantei pela música e as artes que envolviam o corpo, teatro e dança, quando então comecei a me apresentar e cantar nas peças da escola. A partir disso, minha mãe me colocou para fazer o teste na antiga Escola de Artes Veiga Valle - hoje, o Teatro Escola Basileu França, em Goiânia, onde comecei a cantar no coral e a fazer teatro. Estudei lá dos 9 até os 14 anos. Eu me apaixonei

por todos os ensinamentos que aquele lugar me proporcionou, na êxtase do meu corpo de criança e em como ele se sentia quando eu conseguia me colocar artisticamente. Sentia aquele lugar como o meu lugar no mundo.

Além do desenvolvimento artístico, todas as dimensões da minha formação enquanto criança e adolescente foram influenciadas: social, emocional e esteticamente. Outra área importantíssima que desenvolvi foi a minha capacidade de comunicação e a desenvoltura em me expressar. Eu gostava muito de falar, explicar e contar histórias. Às vezes ficava por horas e horas detalhando algo que aprendi ou havia gostado. Tinha uma agitação em aprender junto a uma paciência em explicar minimamente as coisas. Meu olhar sempre se fez pelos detalhes, ou como dizia minha mãe quando eu ia falar algo: "você fala tudo nos mínimos detalhes".

Cresci numa família de professoras e professores, com muitas referências do ambiente escolar, minhas tias e tios seguiram a carreira do magistério, e de algum modo, reflito sobre as influências que trago deste convívio. A figura 3 é uma fotografia em que a minha tia Erotides me incentiva a escrever precocemente o meu nome no quadro e a figura 4 é uma amostra da "menina falante e comunicativa" que eu fui: um momento de apresentação musical em um shopping de Goiânia; minha mãe não me deixava perder sequer uma oportunidade, quando eu era convidada a cantar nos espaços públicos da cidade.

Figura 3 - Imagens de Infância 2: Eu e minha tia Erotides, que é professora. Palmas-TO/99



Fonte: acervo próprio.

Figura 4 - Imagens da infância 3: Eu cantando no Banana Shopping. Goiânia-GO/08.



Fonte: Acervo Próprio.

Senti uma outra mudança de ciclo, quando adentrei o Ensino Médio. Durante esse período quis focar apenas nos meus estudos e deixei de lado meus desejos artísticos, tão de lado que decidi estudar para seguir o caminho da minha mãe, que é Odontóloga. Entretanto, desisti desse caminho, e comecei a fazer Arquitetura. Achei um curso incrível mas acabei desistindo novamente

Nunca imaginei que Artes Visuais seria uma opção, ainda menos Licenciatura, foi então, por coincidência do destino, se é que coincidências existem, que a Licenciatura em Artes Visuais veio até mim e acho importante dizer que a cidade de Goiás também veio. Com a oportunidade, me recordei de todos os

momentos de contato e vivência da arte em suas diversas linguagens durante a minha infância; das características, qualidades e vontades da minha criança. A partir daquele momento, me veio uma alegria tão grande que a decisão de iniciar o curso foi uma das poucas atitudes que não pensei mais de uma vez sobre até conseguir ingressar.

## **2.1 A Licenciatura em Artes Visuais como percurso de formação artística-investigativa-docente: outros ciclos**

**O que é arte?**

**Dos sonhos claros que invento**

**fiz poesia**

**para entender o tempo**

**e corri trilhos de lamento que o vento**

**da vida me trouxe com a tal**

**l i b e r d a d e**

**mas era só para fazer arte...**

**Será a arte um instante,**

**um semblante de moldura,**

**ou uma vista cronológica**

**que sempre muda?**

**Poesia autoral.**

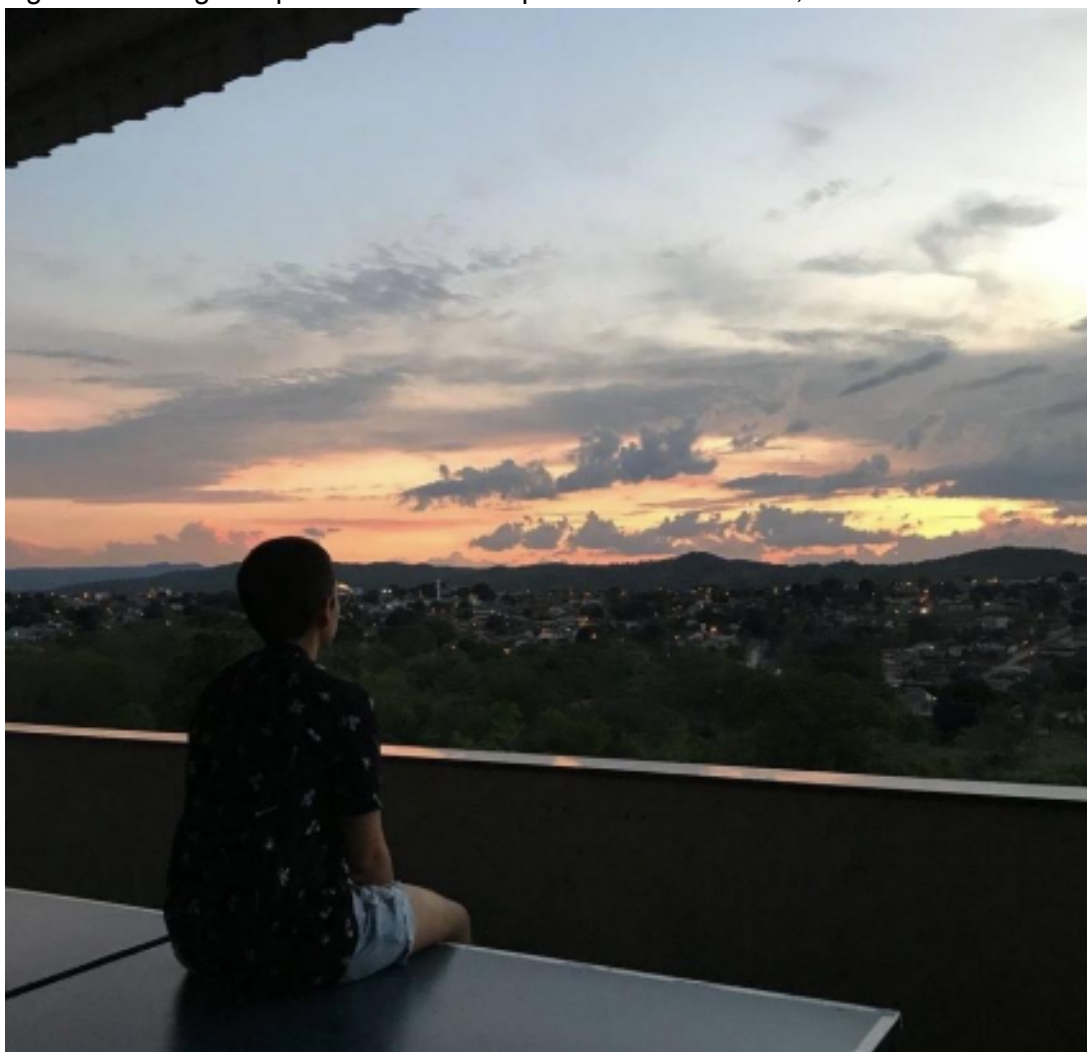
A arte é um meio puro e não algo que sirva para um fim exterior. Parece que a arte tem a ver com uma representação de que a educação deve estabelecer uma relação entre a infância e o mundo. A tarefa principal de um educador é fazer com que o mundo seja interessante. Nada mais do que isso. A arte é o que nos traz a carga sensível do mundo. A arte é o mundo como cor, como som, como textura, como rugosidade. É como se a arte abrisse a pele do mundo e, portanto, a arte oferece o mundo sensível e não tanto o compreensível. Se a educação tem a ver com relacionar as crianças ao mundo, essa carga sensível do mundo é fundamental. Mas não porque é separada de outras coisas, senão porque é fundamental. O mundo é sensível. (LARROSA, 2013, s/p)



Este percurso de artista-pesquisadora-professora em formação foi sempre de muitas perguntas; a questão fundamental sobre “o que é arte” em meu poema citado acima continua reverberando dentro de mim, do que eu faço e também nas minhas escolhas de futuro. Na compreensão do que define o professor Jorge Larrosa Bondía sobre a arte, fui confirmando meu caminho.

Na figura 5, abaixo, estou sentada na mesa de ping-pong que ficava no Pátio do Bloco 6 Superior do Câmpus Cidade de Goiás do IFG, em um momento que se repetia diariamente ao chegar para as aulas do período noturno: apreciar o pôr do sol em um lugar privilegiado, com uma vista incrível para parte da cidade do outro lado do Rio Vermelho. A fotografia é de 2019, ano em que vim para Goiás, um início de novo ciclo.

Figura 5 - Fotografia pessoal: IFG- Câmpus Cidade de Goiás, 2019.



Fonte: Acervo próprio.

Agradeço o amadurecimento indescritível que esses 4 anos de graduação me trouxeram: todos os professores e os conteúdos ministrados, a gestão do Câmpus, as oportunidades de viagens maravilhosas e visitas técnicas, os amigos que fiz e não menos importante, esse pôr do sol maravilhoso que me recebia todos os dias às 18:30 no Câmpus. Este reconhecimento faz parte também de uma compreensão importante que trago sobre a minha identidade, conforme aponta uma pesquisadora das “histórias de si” na formação, Josso (2007, p. 417):

A concepção experiencial da formação de si em todas as suas facetas, dimensões, registros tem, certamente, articulações importantes com o conceito tradicional de identidade mas ela nos parece muito mais rica que ele porque completa as categorias tradicionais das ciências do humano, dando lugar às vivências refletidas e conscientizadas, integrando assim as dimensões de nosso ser no mundo, nossos registros de expressões, nossas competências genéricas transversais e nossas posições existenciais.

Assim considero os meus 4 anos de graduação - vivências refletidas e conscientizadas sobre o meu ser no mundo, registros, expressões - foram recheados de conhecimento e surpresas, e em cada uma das que apareciam eu me permiti fluir e experimentar.

Compartilho algumas das minhas realizações e experiências artísticas - intrínsecas à minha formação na docência - que aconteceram sequencialmente no decorrer do Curso de Licenciatura em Artes Visuais e que muito tem a ver com as “provocações foucaultianas que trazem movimento ao pensamento sobre uma possível ético-estética docente” discutida por Luciana Gruppelli Loponte, pesquisadora sobre a formação de professoras/es na área de Artes, que muito tem a ver com os meus processos de experimentação desenvolvidos a partir de diferentes materiais, abordagens e suportes, e ao mesmo tempo na busca pela minha identidade profissional:

Pensar em uma ética, ou em um modo docente de conduzir a si mesmo e suas práticas, adjetivada aqui como “artista” pouco tem a ver com a arte das “obras-primas” e sua insuspeitada originalidade cristalina, ou ainda com um modo “belo e romântico” de conduzir a docência. Assemelha-se mais àquela **arte que se assume como esboço, como rascunho contínuo, como busca de estilo, como experimentação, como resultado árduo e quase infinito de trabalho do artista sobre si mesmo. Uma arte que se aproxima mais do que chamamos hoje de arte contemporânea, avessa a rotulações, legendas definidoras, sentidos fechados, rompendo com fronteiras de materiais, técnicas e temáticas e com a própria figura do artista.** (LOPONTE, 2014, p. 647-648. Grifo

nosso.)

Neste processo de construção, foram inúmeras as práticas artísticas que me fizeram mergulhar no universo da arte. Das figuras 6 à 13 apresento esta minha arte que representa a busca também de que eu sou. Inicialmente, como na minha infância, comecei a desenvolver primeiro minha pintura e aprimorar meu desenho. Em seguida, aprendi a fazer bordado e crochê, onde o bordado me cativou e quis ministrar oficinas sobre esse conteúdo no meu primeiro ano.

Figura 6: Meus bordados 1. Goiás, 2019.



Fonte: Acervo: Próprio.

Figura 7- Meus bordados 2. Imagem 1: Bordado autoral. Imagem 2: Oficina ministra na Feira Agro-Centro Oeste Familiar, 2019.



Fonte: Acervo Próprio.

No segundo ano, em 2020, conheci o muralismo no IFG e passei a desenvolver murais de pintura. O muralismo é uma das modalidades artísticas manuais que mais gosto de criar atualmente.

Segundo a arte-educadora e artista visual, Laura Aidar Muralismo é o tipo de arte que tem como suporte paredes e painéis permanentes. Também conhecido como pintura mural ou arte mural, o muralismo propicia uma relação de proximidade com o público. Isso acontece na medida em que suas obras são encontradas nas ruas e exploram problemas sociais, bem como temas históricos. A arte muralista desempenha um papel social bastante forte, já que ela se aproveita da exposição pública para manifestar-se de forma crítica. As primeiras manifestações do que viria a se tornar o muralismo são as pinturas rupestres.

Figura 8 - Meus Murais 1: Mural no Colégio Aplicação na Cidade de Goiás. 2019.



Fonte: Acervo próprio.



Figura 9- Meus murais 2: Título 'Vento cor de pêssego'. Cidade de Goiás, 2020.



Fonte: Acervo Próprio.

Figura 10 - Meus murais 3: Os olhos dela no Arpoador. Goiânia, 2020.

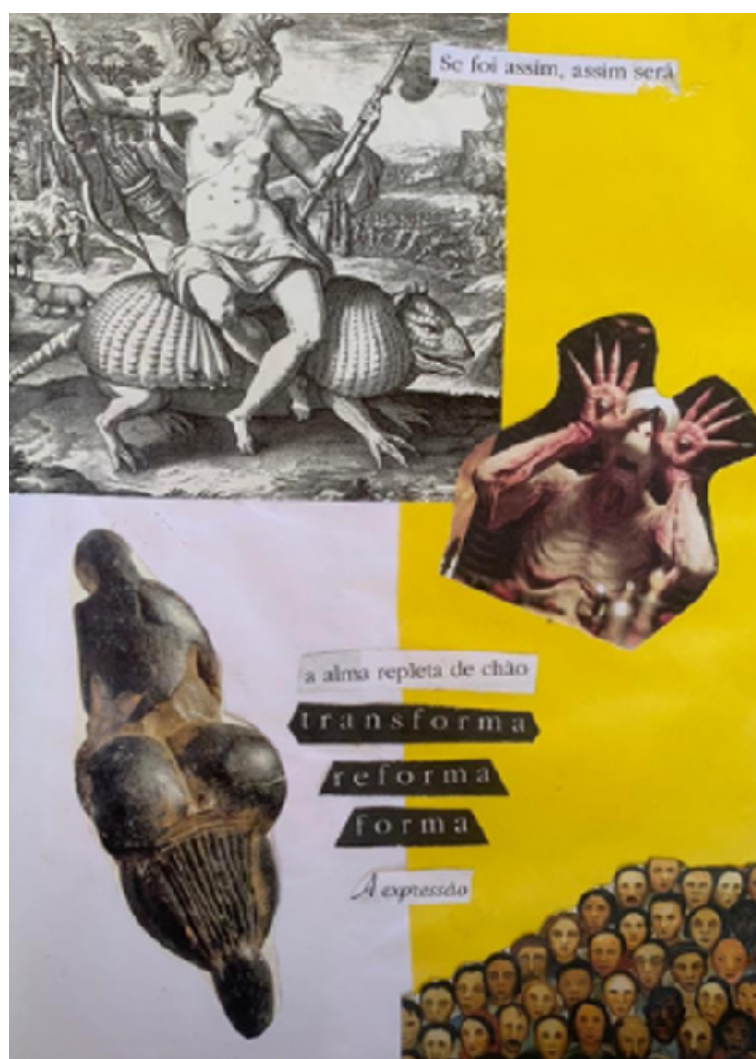


Fonte: Acervo Próprio.

No terceiro ano, em meio a Pandemia de COVID-19, comecei a fazer E-zine, direcionando o meu trabalho de arte sempre paralelo a uma escrita. Segundo Maria Vitória, o zine é uma proposta para artistas independentes poderem através da autopublicação expandir sua criatividade, conhecer pessoas e principalmente, dizer o que precisa ser dito através das diversas formas de expressar a arte como forma de resistência.

Numa contraproposta à publicação tradicional, escritores e artistas de um modo geral, vem utilizando a autopublicação para promoverem seus trabalhos, utilizando diversas formas de produção para que mais pessoas possam ficar por dentro do que eles têm a dizer. Sendo assim, mergulhei nessa modalidade de leitura e passei a desenvolver poemas para colocar nos meus E-zines.

Figura 11- E-zine, 2021.



Fonte: Acervo próprio

Continuando o percurso de experimentações em Artes Visuais, dei início à disciplina de Escultura e Modelagem com a professora Flora Ruiz, esse aprendizado, tempos depois, me possibilitou o recebimento de um convite para criar os Troféus de um festival de cinema na cidade de Goiás - FOLIA.

Figura 12- Escultura: Dona Xita, 2021.



Fonte: Acervo Próprio.

*Rafaela Mota, 23 anos e nascida em Goiânia. Estudante do curso de Licenciatura em Artes Visuais no IFG – Cidade de Goiás e atualmente, professora de dança no Município da cidade. Assino a criação do Troféu Folia, na 1ª edição do festival. Atuo nas artes plásticas, direção de artes, música e dança contemporânea. A arte é o que me traz de volta pra mim. Integrante da equipe de curadoria da Mostra Competitiva de Curtas do Folia – Festival de Cinema Universitário.*



Figura 13 - Troféus do Festival de Cinema FOLIA. Cidade de Goiás, GO, 2022.



Fonte: Acervo próprio.



Participei do Projeto que concebeu e organizou o FOLIA - Festival de Cinema Universitário que constituiu em uma mostra de curtas produzidos no Brasil. Coloco abaixo um trecho retirado do site de informações que contextualizam o evento:

O Folia - Festival de Cinema Universitário é uma mostra de curtas e um encontro de realizadoras e realizadores audiovisuais, aberto a estudantes e egressas/os de cursos superiores de todo o país. Um evento presencial, que celebra o encontro de pessoas em torno do cinema e que passa a integrar o calendário de eventos culturais de Goiás. Um espaço para exibir e refletir sobre o cinema universitário brasileiro feito no formato de curta. [...] (<http://foliafestivaldecinema.com.br/sobre/>)

Por fim, um dos últimos campos artísticos que desenvolvi melhor, foi por meio da disciplina de Fotografia, e fotografando então, comecei a me arriscar estudando e criando obras de Fotoperformance.

As experiências todas que compartilhei foram muito importantes no processo de conhecimento e também de prática artística; para Larrosa, (2002, p.21) “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” Muito se atravessou e me aconteceu neste tempo/lugar de formação em artes.

E é neste lugar que finalizo uma representativa sequência de fotos das minhas descobertas e vivências enquanto aluna da Licenciatura em Artes Visuais, pois foi a partir dela que eu encontrei, entre tantos aprendizados diferentes e talvez até distantes, o meu “objeto de pesquisa”, o meu campo de atuação e o que eu quero aprimorar no decorrer da minha vida acadêmica e artística, a Performance.

## **2.2 Sobre a história da performance**

A Performance, se tornou a área com que mais me identifico, dentre todas estas pelas quais percorri, e aqui então decidi me aprofundar na pesquisa sobre esta que é uma linguagem das artes híbridas, mas que se origina no campo das artes visuais, discutindo os seus desdobramentos a partir da minha subjetividade.

De acordo com RoseLee Goldberg, - artista, professora, curadora e autora de diversas publicações, uma mulher pioneira no estudo da arte da performance -, esta é uma linguagem que permite a criação artística como comunicadora de ideias e conceitos, a partir de “demonstrações ao vivo” mediadas pelo corpo. Ao prefaciar a A

Arte da Performance - do futurismo ao presente, ela afirmou:

A performance passou a ser aceita como meio de expressão artística independente na década de 1970. Naquela época, a arte conceitual - que insistia numa arte que não pudesse ser comprada ou vendida - estava em seu apogeu, e a performance era frequentemente uma demonstração ou uma execução dessas ideias. [...] A performance tem sido vista como uma maneira de dar vida a muitas ideias formais e conceituais nas quais se baseia a criação artística. As demonstrações ao vivo sempre foram usadas como uma arma contra os convencionalismos da arte estabelecida. Essa postura radical fez da performance um catalisador na história da arte do século XX. (GOLDBERG, 2015, *Prefácio*)

Situando a performance como arte conceitual - o quanto seja possível -, muitas vezes “deslocada” da maior parte dos contextos na história da arte, por ser de complexa definição e enquadramento, me coloco a investigar um pouco mais dos movimentos e influências que lhe deram origem. Para RoseLee Goldberg (2015), que apresentou de modo completo e abrangente a história da arte da performance, ela a afirma como “meio de demolir categorias e apontar novas direções [...] uma vanguarda da vanguarda”.

Em sua obra supracitada que aqui tomamos como referência, Goldberg constrói uma linha histórica de imagens e textos que conversam entre si sobre o Futurismo em Paris; o Futurismo e construtivismo russos; o Dadá e o Surrealismo; Bauhaus; a Arte viva de 1933 à década de 1970; A arte de ideias e a geração da mídia: 1968 a 2000 até a primeira década do novo século: 2001 a 2010. Todos temas de aprofundamento necessários à compreensão da performance como expressão artística relacionada ao universo das artes ao longo do tempo, com predominância na Europa e Estados Unidos, pouca menção aos movimentos em Ásia, América do Sul e África - mas, sem dúvida, com um repertório importante a ser conhecido e que são recorrentes na história da arte convencional, possuindo estreita relação com as origens da performance:

Muito embora a maior parte do que atualmente se escreve sobre a obra dos futuristas, construtivistas, dadaístas e surrealistas continue a se concentrar nos objetos de arte produzidos em cada um desses períodos, esses movimentos amiúde encontravam suas raízes e tentavam solucionar questões difíceis por meio da performance. (GOLDBERG, 2015, *Prefácio*).

Ainda conforme escreveu Goldberg, “os manifestos da performance, desde os futuristas até os nossos dias, têm sido a expressão de dissidentes que tentaram encontrar outros meios de avaliar a experiência artística no cotidiano.” (GOLDBERG, 2015, *Prefácio*). Muito me identifico com as possibilidades de comunicação que ela

apresenta e percebo que a minha arte, independente do contexto, busca resposta e retorno ao/no corpo, tornando-se minha ferramenta preferida de estudo. Tem artista que sua melhor ferramenta é o pincel, outros a agulha, outros a câmera e a minha é o corpo, e suas inúmeras particularidades, sensibilidades e questionamentos.

Tentando delinear uma conceituação de arte da performance, mas sem podê-la de fato definir, porque “Qualquer definição mais exata negaria de imediato a própria possibilidade da performance [...]” que pode lançar mão de diferentes conteúdos, materiais e meios - literatura, poesia, teatro, música, dança, arquitetura, cinema, vídeo, slides, narrações... de acordo com a intencionalidade de cada *performer*, a autora apenas diferencia:

Ao contrário do que acontece na tradição teatral, o performer é o artista, raramente um personagem, como acontece com os atores, e o conteúdo raramente segue um enredo ou uma narrativa tradicional. A performance pode ser uma série de gestos íntimos, ou uma manifestação teatral com elementos visuais em grande escala, e pode durar alguns minutos e muitas horas; pode ser apresentada uma única vez ou repetida várias vezes, com ou sem um roteiro preparado; pode ser improvisada ou ensaiada ao longo de meses. (GOLDBERG, 2015, *Prefácio*)

As características da arte da performance são tão importantes quanto a sua história, para a compreensão e o aprofundamento nesta linguagem.

Conheci na disciplina de História da Arte, um movimento artístico chamado dadaísmo, esse movimento promoveu as primeiras iniciativas e significados da performance no mundo.

No artigo “Dadaísmo e Surrealismo”, de Dante Tringali, o autor diz que o dadaísmo nasce, durante a Primeira Guerra Mundial, em Zurique, capital da Suíça. Ele se estende pelo período que vai de 1916 a 1922. Em 1916, H. Ball (1887-1966) e sua mulher compram um bar e o transformam em cabaré a que dão o sugestivo nome de “Cabaré Voltaire”, onde se reúnem intelectuais e artistas, quase todos estrangeiros exilados, pacifistas e contestadores da guerra.

Além do casal fundador, participam do grupo: T. Tzara (1896-1963) que acaba assumindo a liderança, R. Huelsenbeck (1892- 1974), H. Arp (1887-1966), M. Janco (1895- 1984). O cabaré se torna berço e central de difusão do movimento. Além de realizar escandalosos espetáculos de variedades, no estilo futurista, mantém uma galeria de pinturas e edita revistas.

Dadaísmo forma-se sobre a palavra dadá . E por que dadá? Ao se folhear, ao ler um dicionário para se encontrar um nome, por qualquer que seja a razão, deparou-se com a palavra: dadá entre outras coisas, significa "cavalinho de brinquedo". Ao grupo pouco importava a circunstância que dera origem ao nome e muito menos a acepção anterior da palavra; a partir de então a palavra passou a designar um estado de espírito.

Para se entender corretamente o dadaísmo, convém distinguir uma estrutura superficial e uma estrutura profunda. No nível superficial, se apresenta como o mais radical movimento na História da Arte. Chega-se aos extremos limites do que se aceita por arte, o que se explica pela visão do mundo em que se fundamenta: subversiva, niilista, anárquica, cética, destrutiva. Ele se declara contra tudo e contra todos e inclusive contra si mesmo: dadá é contra dadá. (TRINGALI, n.p, on-line)

Desacredita-se da razão e de seus mitos, não se acata nenhuma autoridade, reclama-se liberdade absoluta, não se submete a convenções, põe-se tudo em dúvida. Pratica-se uma política de terra arrasada. Note-se que se cultiva a destruição pela destruição e se usa, como arma de combate, a sátira, a galhofa. Não se leva nada a sério. O dadaísmo ri-se de tudo. Há muita analogia entre o dadaísmo e a filosofia cínica.

Apesar da contradição de negar toda doutrina com uma doutrina, assimila a contradição e dúvida da própria dúvida e, ao mesmo tempo que condena a arte, vive em função da arte. A contradição se desfaz num nível profundo, onde atrás de tanto desdém se esconde um indisfarçável idealismo, baseado numa visão fraternal e pacífica da humanidade e num acendrado respeito pela vida. O aparente terrorismo cultural que demonstra, de modo ostensivo, visa proteger estes valores supremos que, na época em que se vive, terceiro ano da guerra, parecem naufragar.

Toda a reflexão dadaísta gira ao redor da guerra. Não se perdoa uma civilização que prometia tanta luz, tanto progresso e termina numa hecatombe angustiante, infundável. Ora uma civilização que gera tal monstro, não merece sobreviver e investe violentamente contra ela e contra todos seus falsos valores. E neste sentido, o dadaísmo se constitui num movimento de contracultura. Neste processo de acusação, a arte não escapa, considerada conivente e cúmplice com os desvarios da civilização burguesa, filistéia. E como culpada, merece castigo. E ao maltratar e ridicularizar a arte, depara-se com novos caminhos, novas soluções. (TRINGALI, n.p, on-line).

Ao mesmo tempo que se repudia a arte, esta se torna a razão de viver do grupo. performances dadaístas se utilizavam da irreverência e da provocação que não somente questionavam a tradição das Belas Artes e sua influência nos âmbitos estético e artístico, mas também a moral social estabelecida pela sociedade burguesa. Suas intervenções aconteciam a partir das declamações de poesias criadas aleatoriamente, onde essas declamações poderiam ser cantadas ou não, e a realização de performances abertas ao público.

No artigo “O discurso da Performance Art: estudo semiótico dos regimes de manifestação da arte performática” de pós-graduação de Maria Vitória Laurindo Siviero, a pesquisadora aponta que Ball, um dos precursores do movimento, apreciava o papel catalisador na arte, e também advertia sobre os equívocos em torno da “criação” artística. Ele afirmava que quando o artista crê trabalhar a partir de sua imaginação independentemente, está iludido sobre sua originalidade, pois de qualquer maneira, está se valendo de um material já formado (Ball apud Goldberg, 2006: 46 a 47). O artigo dizia que Ball considerava a declamação e a performance como a chave para a redescoberta do amor à arte. (SIVIERO, 2016)

A performance, etimologicamente é definida como “dar forma”, “fazer”, é proveniente da língua francesa antiga “parformance”; na arte é um tipo de segmento artístico que mistura elementos e linguagens diferentes de arte, o que a caracteriza como uma modalidade híbrida. Ou seja, pode acontecer por meio de diversos diálogos, combinando dança, teatro, artes visuais, música, fotografia e áudio vídeo. Além disso, não há um espaço fixo ou apropriado, onde a performance deve acontecer; a manifestação artística pode ocorrer nos mais diversificados espaços: na rua, na praça, museus, galerias, instituições e até em casa; em ambientes urbanos, de campo, público e privado.

A Performance é caracterizada, como muitas obras da Arte Contemporânea, como uma ação efêmera, passageira, significativa em um dado momento, tem uma forte carga conceitual e subjetiva, pois coloca o sujeito como objeto de experimentação direta com o ambiente e suas auto reflexões corporais e sentimentais, além do uso do outro/ plateia como complemento das criações de conceitos em alguns casos. A definição dessa relação do corpo se tornando uma escultura viva no espaço que se coloca se chama body art, o artista transforma-se em atuante, agindo como um performer, um protagonista da sua ideia, sentimentos ou o que quer que queira

entregar.

Soma-se a isto o fato de que, tanto a nível de conceito quanto a nível de prática, a performance advém de artistas plásticos e não de artistas oriundos do teatro. Entretanto, os recursos de fotografia e vídeo também funcionam como um meio de registro dela, e se tornam elementos resultantes de novas outras direções dentro de uma mesma performance, eles criam uma extensão visual de segmentos vários inerente ao tema pesquisado, já que os espectadores não precisam estar presentes durante o percurso.

### **2.3 Sobre a minha história com a performance: ciclos, metamorfose e busca pela liberdade**

A minha história com a performance é feita de significados que atribuo às experiências cotidianas que me formam e que não estão separadas da minha subjetividade, da minha forma de ver o mundo, me posicionar e me expressar artisticamente; como escrevi anteriormente, os ciclos são fundamentais no meu processo criativo e enquanto artista-pesquisadora-professora em formação.

Etimologicamente, “metamorfose” é uma palavra de origem grega - *metamórphosis* = transformação > *meta* = mudar + *morfo* = forma. Metamorfose significa, portanto, transformação.

De acordo com o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa - Michaelis on-line, nas ciências biológicas, em sentido literal, significa a transformação fisiológica de alguns animais durante o seu ciclo de vida; no sentido figurado, alterações, mudanças de aparência, comportamento.

#### **metamorfose**

**me·ta·mor·fo·se**

**sf**

**1** *Metamorfismo*, acepção 1.

**2** **BIOL** Transformação, geralmente rápida e intensa, que ocorre na forma, na estrutura e nos hábitos de certos animais durante seu ciclo de vida.

**3** **FIG** Alteração de aparência, comportamento, caráter etc.; avatar.

**4** **FIG** Mudança radical de uma pessoa ou coisa.

( [Metamorfose | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](https://www.michaelis.com.br/), 2022)

Utilizando do conceito científico ao figurado, a "borboleta" passa pela metamorfose", que é o processo de transformação que se divide em várias fases, vai desde a estrutura de ovo até a forma adulta; ao apropriar da metodologia da a/r/tografia, que é a abordagem que subsidia a presente pesquisa baseada em arte, tem-se a possibilidade de lidar com esses conceitos de modo subjetivo e atribuindo sentidos dos mais variados possíveis, construindo metáforas.

Meu intuito corporal foi utilizar a ideia de metamorfose como um percurso libertador. (de renascimento e entender qual a liberdade desse corpo em um período contemporâneo e pandêmico).

Figura 14 - Série Metamorfose 2. Título: "Sempre criança".



Fonte: Pinterest.

De acordo com a abordagem apresentada na obra em vídeo da organização Khan Academy, as borboletas, por fazerem parte do reino dos insetos, passam pela metamorfose até chegar na sua forma mais conhecida por todos, mas antes disso ela passa por diferentes formas e mudanças. Esse processo de metamorfose acontece em quatro fases distintas: a fase do ovo, a fase da larva ou lagarta, a fase da pupa e por último, a fase da borboleta, como apresentado na figura 15 da Série Metamorfose.

Após o acasalamento, a borboleta fêmea deposita seus ovos na parte superior das folhas de algumas plantas que servirão, posteriormente, de alimento para as lagartas. Os ovos demoram cerca de 5 a 15 dias para eclodir e liberar as larvas de borboleta.

Nessa nova fase, as lagartas, ou larvas, possuem o corpo alongado e cilíndrico, algumas possuem pelos que podem causar queimaduras ao contato, esse ciclo pode ter a duração 1 até 8 meses, dependendo da borboleta e nela a larva pode sofrer várias mudanças na sua pele e coloração. Após esse período a larva se prende na parte traseira de seu corpo através de fios de seda e inicia-se assim a fase denominada pupa ou crisálida. Durante essa fase, elas não realizam muitas ações e não se alimentam, sobrevivem apenas da sua reserva nutritiva guardada da sua vida de lagarta, isso pode durar de 1 a 3 semanas.

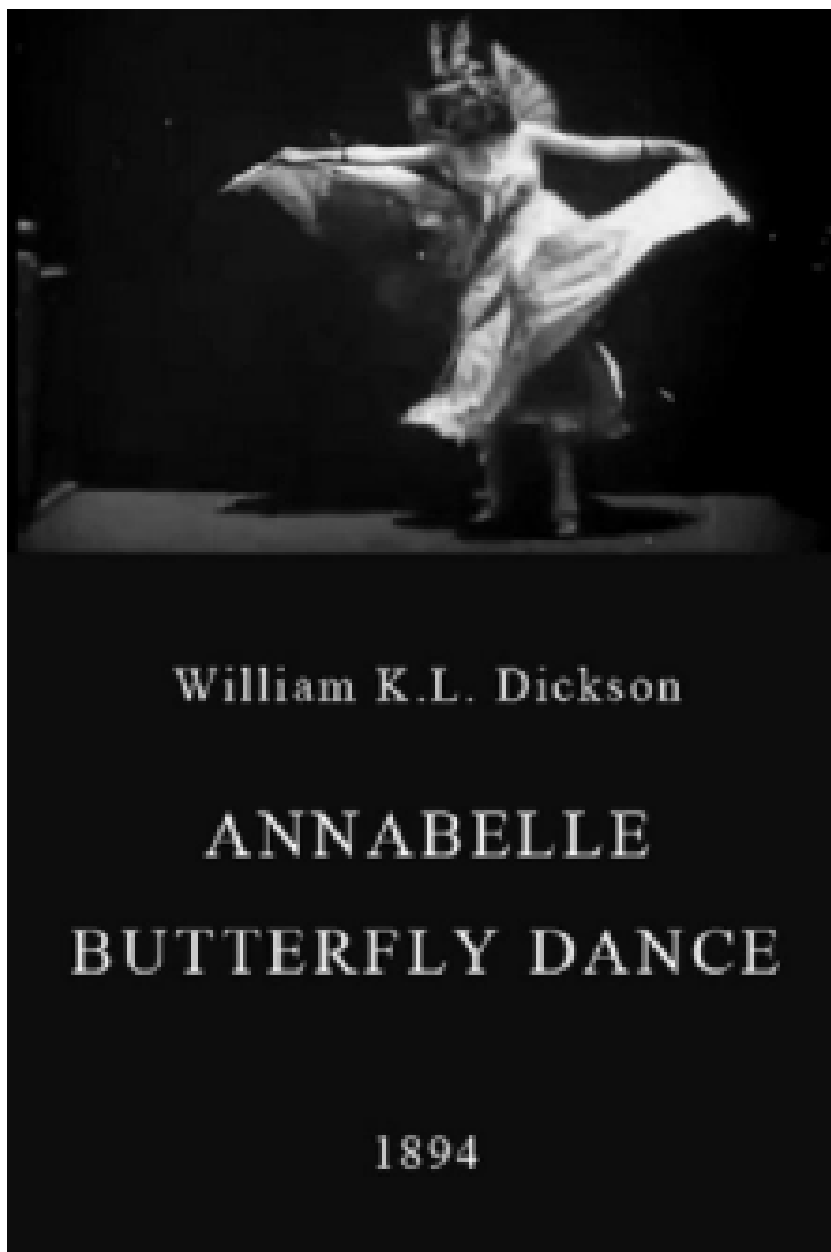
Quando esse ciclo se completa, a crisálida se quebra e a borboleta finalmente sai dessa estrutura em sua forma adulta. Na última fase, então adulta, a borboleta pode voar e até se reproduzir, sendo a reprodução sua principal função e sua alimentação é basicamente composta por substâncias na forma líquida como água e frutas em decomposição.

Simbolicamente, a metamorfose é a transformação de um ser em outro, de uma forma em outra, ou trazendo metaforicamente para a gramática poética, a ressignificação de um ser, um encontro com seu próximo passo após aceitação do anterior, ou seja, uma mudança valorosa que ocorre no caráter, estado ou presença. Um tipo de transmutação física ou moral.

Existem inúmeros artistas que usam a metamorfose como um percurso para traçar paralelos e criar símbolos em várias outras modalidades da arte. **Annabelle Butterfly Dance** é um filme mudo estadunidense de curta metragem em preto e branco, lançado em 1894, dirigido e produzido por William K.L. Dickson para o Edison Studios, de Thomas Edison. Foi estrelado pela atriz e dançarina Annabelle Moore, no qual realiza uma dança usando elementos que representam uma borboleta por meio de sua vestimenta, trazendo essa ideia, inerentemente, à ideia de metamorfose.



Figura 15 - Annabelle Dance: Butterfly, 1894.



Fonte: Annabelle Butterfly Dance - 1894 | Filmo

Em 2020, eu realizei a produção de uma pintura em tela que acredito que explica poeticamente parte do que pretendo representar nesse processo de pesquisa de performance. Nela eu havia escrito: “Ver para deixar morrer e morrer para florescer”. Florescer simbolicamente, para mim, significa permitir que aconteça em nós esse processo de metamorfose.

Figura 16 - Pintura autoral. Título: “Eu, semente”, 2020.



Fonte: Acervo Próprio.

E relacionado a esta pesquisa, só modifico a linguagem para a realização de uma vídeo-performance que está sendo elaborada com o intuito de demonstrar o que é se permitir ver, ver pra deixar morrer e morrer para florescer outra vez, é isso que essa produção de performance vai explorar. Como esse florescimento, metamorfose”, que acontece durante um período de pandemia, em que a forma como nos libertamos dos

nossos “nós” para florir é particularmente distinta e nova, então questiono, como e qual seria a liberdade de um corpo que se auto gera diariamente e simultaneamente junto outros corpos que estão, ainda mais, constantemente morrendo, passando fome, violência e desafeto?

Por fim, para contextualizar o outro conceito que trago no título da monografia, o conceito de “liberdade”, gostaria de especificar sua origem e suas outras derivações.

Analisando a sua origem, em grego, “eleutheria” a palavra significa liberdade de movimento. Ela dizia respeito à possibilidade do corpo se movimentar sem qualquer restrição externa. Sendo assim, o significado grego relacionava-se com a ausência de limitações físicas.

Já em alemão, a palavra se diz “freiheit” e dá origem à palavra “freedom” em inglês, que significava “pescoço livre”, referindo-se à ausência das correntes que aprisionavam os escravos. Portanto, a palavra nasce em oposição à escravatura. A palavra grega tem um significado mais abrangente e “freiheit” seria então um caso particular de “eleutheria”.

No latim, a palavra “libertas” significava independência. Sendo ainda mais abrangente do que a palavra grega. Independência nasce da oposição à palavra dependência, em latim “dependere” que significava “estar preso a”, “estar pendurado”, “pender de”. Então, “libertas” assumia significados como não estar preso a nada, não estar pendurado, não ser propriedade de ninguém.

Estas três palavras “eleutheria”, “freiheit” e “libertas” referem-se a liberdades externas, sem obstáculos físicos. No entanto, nos dias de hoje a palavra liberdade assume significados mais amplos, referindo-se não só a obstáculos físicos, como também internos, por exemplo psicológicos. A maior parte das pessoas tem poucos obstáculos físicos, mas isto não significa que sejam livres. Os obstáculos psicológicos, emocionais, sentimentais, etc, funcionam como correntes que muitas vezes impedem de fazer escolhas livremente e de usufruir da sensação de liberdade.

A liberdade também é um dos principais temas tratados pela tradição da filosofia. Uma das primeiras definições de liberdade está presente no pensamento de Aristóteles. Para ele, a liberdade está baseada na possibilidade de realizar escolhas orientadas pela vontade. Entretanto, a liberdade deveria estar acompanhada do conhecimento. Para Aristóteles, o conhecimento é a ferramenta capaz de ampliar as possibilidades de escolha e tornar o indivíduo mais livre e capaz de realizar suas finalidades.

### **3. DA PERFORMANCE À VIDEOPERFORMANCE: UMA PRIMEIRA EXPERIMENTAÇÃO ARTÍSTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

A pesquisa que realizei busca compreender de modo mais aprofundado, a Performance enquanto uma linguagem artística híbrida, contemporânea, partindo das minhas experiências, advindas de um processo criativo pessoal das percepções artísticas visuais paralelas à dança contemporânea e tendo como referência o tempo de pandemia de COVID-19 e suas consequentes condições de vida: os limites, atravessamentos, fins, a metamorfose e a liberdade que busquei, e ainda busco traduzir por meio do corpo como essa plataforma de suporte, da Performance como linguagem. E da fotografia e vídeo como apoio e documentação deste processo.

Minha relação com esse tema se deu no início da pandemia, quando eu criei minha primeira performance realizando a disciplina de Visualidades e Corpo durante a Licenciatura em Artes Visuais. Paralelo a isso, fazia um curso de dança contemporânea, fora da faculdade, onde minha professora de dança havia proposto a criação de uma coreografia que representasse liberdade para finalizar o semestre.

Durante a criação de cenário e figurino, perguntei sobre a possibilidade de fazer uma roupa a partir de amarras, nós que de certa forma representassem a liberdade que nos encontramos diante de uma pandemia, a ideia não era que fosse algo triste, mas sim algo forte, que mostrasse a possibilidade de se movimentar mesmo diante de um contexto político e social conturbado. Porém, a professora não aprovou a ideia, sua justificativa era que tudo já estava muito doloroso e ela não queria nada que trouxesse referência disso. Como meu projeto já estava pronto, e a disciplina de Visualidades e Corpo pediu ao mesmo tempo, a criação de uma Performance, eu decidi readaptar essa minha proposta das amarras na matéria da faculdade, e criar outros elementos de composição para a coreografia de dança contemporânea.

A performance “Meu corpo livre”, foi feita na minha casa, com o auxílio de uma amiga (Helena Caetana), a câmera do meu celular, 15 quilos de retalhos de malha e um figurino que criei com os mesmos. A obra fala da tentativa de conseguir nos sentirmos livres, mesmo presos em casa, nas nossas cascas, em um contexto instável dentro uma estrutura social e politicamente distópica e grande desamparo social, estamos vivendo um novo conceito de livre. Para mim, liberdade é se mover na vida, sem esquecer de todo esse contexto que estamos passando juntos.

Acredito que é primordial termos consciência dos fatos da realidade com maturidade e força, afirmar a continuidade da nossa existência e negar a inerência de todas essas sensações a flor da pele, seria contar uma mentira.

O período em que estamos vivendo é um momento de sabedoria exacerbada, aprendizados mútuos e sequenciais que não param. Período esse que não sabemos quanto tempo ainda vai levar, mas que sim, está acontecendo e sim, dói. A compreensão disso, é um grande passo para olhar ao redor de fato e aprendermos novamente a tentar cuidar de nós mesmos, das nossas urgências e medos, independente da circunstância, não esquecendo dela, e assim não abdicando de partes de nós que estão morrendo, adoecendo, passando fome e violência. Compartilhamos todos juntos em um só planeta.

*“Nessa pandemia eu me vi por vezes amarrada,  
me vi por vezes carregando pesos que não  
eram meus,  
me vi me quebrar,  
me vi desatando nós e criando outros novos que  
eu sabia que ia ter que lidar hora ou outra.  
Era o que conseguia.  
Mas, pelo menos estava fazendo, estava me  
colocando em movimento com o tanto que se  
passava aqui dentro,  
imagino que pior é quando a gente não tem  
forças para ao menos tentar.  
E sinto que a performance me entrega o poder  
de possibilitar esse espaço de exteriorizar  
angústias e materializar as vivências mentais.”*

*Texto Autoral sobre a Performance*

*Meu corpo livre*



Figura 18 - Série: Performance Meu Corpo Livre, 2020.



Fonte: Acervo próprio.

### **3.1 Da performance a vídeo- performance: estruturando a próxima possível experiência**

Essa primeira realização de performance “ Meu corpo livre”, representa simbolicamente um período de Casulo e metamorfose, que aconteceu dentro de casa. Então, tive a intenção de dar continuidade a essa ideia. Entretanto mais aprofundada, acrescentando outros ciclos e com a possibilidade de novos cenário exteriores a minha casa, equipamentos de qualidade, ajuda de outras pessoas, e agora então em formato vídeo-performance, com o nome “Metamorfose que nasce”.

A Teoria da Metamorfose sempre foi para mim, um meio de interpretação dos meus ciclos como um processo de morte e renascimento, a superação anterior aos novos inícios da vida. O processo de criação dessa vídeo-performance pesquisada, pretende falar sobre a vida, mas ainda mais que a vida, pretende falar sobre a morte. Afinal, quem não menos que a vida para ser a definição exata de um ciclo de passagens repleto de fins, mortes, que são um tanto maiores ou até mais significativas do que a morte do corpo físico de maneira apenas biológica. Pretendo criar de modo cronológico visual, os consecutivos nascimentos, borboleta e humano, paralelamente, mostrando junto a isso os desafios dessa existência em um período de pandemia (Roteiros no Apêndice).

Traduzo a consciência do meu corpo visualmente, a fim de representar de modo simbólico o nascimento, a morte e os desafios durante esse processo, quais as necessidades existentes para que uma renovação possa vir a acontecer. Trago em vídeo a simbologia de maneira cronológica do nascimento humano paralelamente ao nascimento da borboleta adulta, como percursos que se comunicam perfeitamente entre eles.

Assim, adentrando nas trajetórias de reflexão que o preparo dessa vídeo-performance vai buscar traduzir com o intermédio do meu corpo junto as suas sensações diante dos novos ciclos inerentes, meu intuito é questionar e refletir sobre os embates diários. Mesmo que um corpo esteja com medo e esteja sem controle, esse corpo não deve deixar de se propor a desfazer todos os embaraços, os desafios e enfrentamentos do seu caminho, ou melhor os nós do seu próprio casulo, esse corpo deve se propor a parir-se, e se permitir viver, sentir além do existir, e não deixar de olhar e movimentar seus nós. E se algum dia não conseguir olhar, ele sabe exatamente onde esses nós estão, o porquê estão, como esse corpo pode chegar até eles e quais

soluções podem ser alcançadas.

Acredito que minha pesquisa acontece por meio de 2 subjetividades, a subjetividade mental, que é minha escrita anterior a realização da obra, os planejamentos, intenções e o roteiro, e a subjetividade corporal, que é o processo do corpo no presente instante e que pode se transformar com o que lhe for vivenciado.

Busco levantar as inúmeras sensações, percepções e significados de um corpo que habita inerentemente nas aflições sociais presentes e renascimentos ou nascimentos diários, em um corpo que é capaz de parir-se em cada um dos ciclos que lhe são apresentados. A proposta do roteiro vai ser conduzida a partir de 3 cenários distintos (Apêndice), com cores, objetos, sons e projeções ligadas com o corpo, representando simbolicamente os processos que vão ser traduzidos e pesquisados nessa obra, as vivências provenientes dessa nova realidade social contemporânea (inerente ao COVID-19), que de tempo em tempo está trazendo sua necessidade de transmutação, mutação, mudança e transformações várias, e, já que nos tornamos passageiros de um caos planetário, o conforto só chega quando acontece uma passagem cíclica no nosso próprio interno. Metamorfose.

Agora trago aqui, todas as referências artísticas pesquisadas para auxiliar na composição dos cenários desenvolvidos na vídeo-performance que irá ser pesquisada.



Figura 24- Referências Artísticas: Cenários casulo.



Fonte: Pinterest.

Figura 19 - Referências Artísticas: Cenário tecido.



Fonte: Pinterest.

Figura 20 - Referências Artísticas: Cenário árvore.



Fonte: Pinterest.

Figura 21 - Referências Artísticas: Cenário Água 1.



Figura 22 - Referências Artísticas: Cenário Água 2.



Fonte: Pinterest.

### **3.2 Da performance a vídeo-performance: mulheres que me inspiram**

No intuito de criar minha vídeo-performance, busquei referências a partir de três grandes mulheres, que com êxito, precursionaram a performance artística mundialmente: Marina Abramovic, Nelly Agassi e Ana Mendieta. São mulheres que me inspiraram no decorrer do curso, ampliaram meus primeiros desejos de experienciar o contato com meu corpo, sendo ele minha ferramenta de estudo e que influenciaram a minha vontade de investigar esse campo tão profundo de arte.

Essas artistas são mulheres que me trazem com suas realizações, catarse. A minha pesquisa se direcionou a partir das investigações dos trabalhos corporais dessas

artistas, e gosto de frisar sobre o contexto que elas carregam socialmente, pois além de ser apenas um corpo que existe, esse corpo resiste e vive sendo mulher. Acredito que é necessário trazer, para este texto, pessoas que se relacionam diretamente com a minha realidade e minha arte, com a forma que lido com as minhas questões de sensibilidade e a minha necessidade de passar pelo corpo na exteriorização de qualquer pensamento, ideia ou situação que aconteça, a fim de entender meus próprios limites e mudanças.

A primeira dessas grandes artistas se chama Marina Abramovic. Ela é considerada uma das principais artistas performáticas contemporâneas. Segundo Rebeca Fuks, 2019, s/p doutora em Estudos da Cultura, seus trabalhos questionam as identidades de gênero e procuram testar as fronteiras do corpo e a relação entre o corpo e a mente. Conforme apontou Fuks, Marina costuma se identificar como “avó da arte performática”, os críticos, no entanto, muitas vezes se referem a ela com a expressão “a grande dama da arte performática”. Segundo a estudiosa Marina diz que o corpo é um espaço de exploração artística, ainda que a prática escolhida comprometa a sua própria saúde.

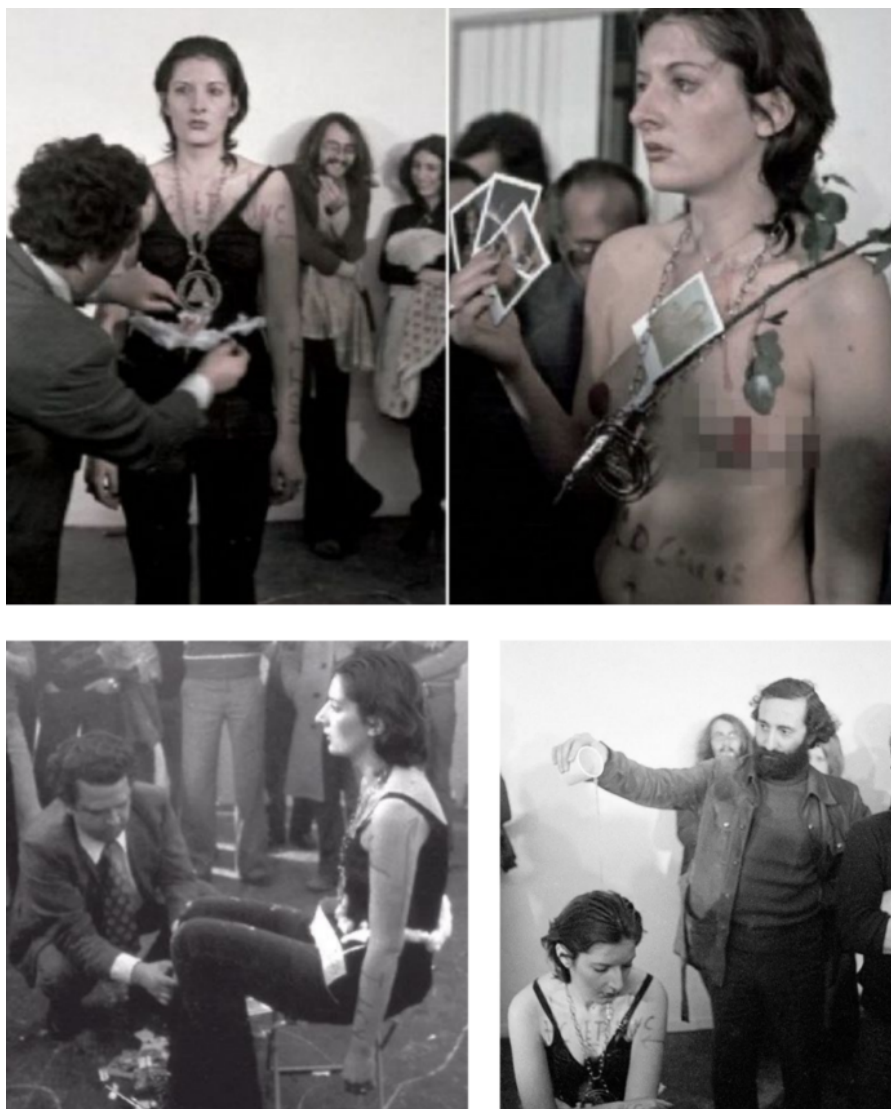
Em uma redação escrita pela jornalista Roanna Azevedo, 2021, s/p, aponta que Abramović nasceu em Belgrado, na Sérvia (antiga Iugoslávia), em 1946, e deu início a sua carreira no início dos anos 1970. Filha de ex-guerrilheiros do Partido Comunista da Iugoslávia, ela recebeu uma educação rígida e se interessou pelo mundo das artes desde muito cedo. Azevedo pontua sobre as principais obras da artista e suas características, como por exemplo, a integração de Marina com seu público. A jornalista diz que Marina acredita na importância do envolvimento entre artista e espectador, por isso, gosta de convidar as pessoas para participarem de suas performances, as transformando em colaboradores.

Roanna Azevedo descreve uma das, se não a mais, reconhecida das performances de Abramovic. A performance se chama *Rhythm 0* (1974), onde a jornalista conta que Marina se coloca em completo risco de vida. A intervenção aconteceu na Galleria Studio Morra, em Nápoles, Itália, onde a artista colocou mais de setenta objetos em cima de uma mesa. Os utensílios foram divididos em dois grupos. Um foi chamado de “objetos de prazer”. O outro de “objetos de destruição”. A seleção prazerosa continha objetos inofensivos, como penas, flores, uvas, perfume, vinho e um pedaço de pão. Os destrutivos incluíam facas, tesouras, uma barra de ferro, lâminas de barbear e uma pistola carregada com uma bala. Marina informou que o público poderia fazer o que quisesse com ela dentro de um período de seis horas. Abramović foi despida, machucada e ainda teve o revólver apontado à sua cabeça. O objetivo da artista com essa performance era

questionar as relações de poder entre as pessoas, compreender a psicologia e a formação de conexões entre os seres humanos. E o resultado foi só mais um retrato dos dois possíveis lados que um ser humano pode se voltar, a violência e a proteção. É importante ressaltar que isso ocorreu em período de extremo conservadorismo.

Eu me senti realmente violada: eles cortaram minhas roupas, enfiaram espinhos de rosa no meu estômago, uma pessoa apontou a arma na minha cabeça [...] Esta performance revela algo terrível sobre a humanidade. Mostra o quão rápido uma pessoa pode te machucar sob circunstâncias favoráveis. Isso mostra o quão fácil é desumanizar uma pessoa que não luta, que não se defende. Isso mostra que, se tiver a oportunidade, a maioria das pessoas 'normais' pode se tornar realmente violenta. (ABRAMOVIC, Marina. s/p)

Figura 23 - Fotos Performance Marina Abramovic, Rythm 0, 1974.



Fonte: "O corpo objeto" na arte de Marina Abramovic.



A segunda artista é Nelly Agassi. Segundo o Centro para Artistas Visuais The Jerusalem Center, 2008, s/p, é uma artista multidisciplinar que usa mídias diversas como desenho, tricô, vídeo e performance. Seu trabalho lida com materiais, corpo e espaço.

O Centro estudantil conta em seu texto, como exemplo, que em uma de suas performances, Agassi tricota e costura um vestido em torno de si mesma – um vestido que se expande para o espaço da galeria (ou ao ar livre) e se transforma de uma peça de roupa em um objeto volumoso. Durante essa performance, Agassi tira o vestido e pendura-o como uma pele vazia, instalando-o na galeria, para assim ser testemunho de sua ausência. O vestido infinito permanece como o único resíduo do drama. A intimidade e interioridade da obras de Agassi e sua referência ao corpo feminino identificam-na com a arte pós-feminista.

Figura 24 - Fotos Nelly Agassi 1: Palace of Tears, 2004.



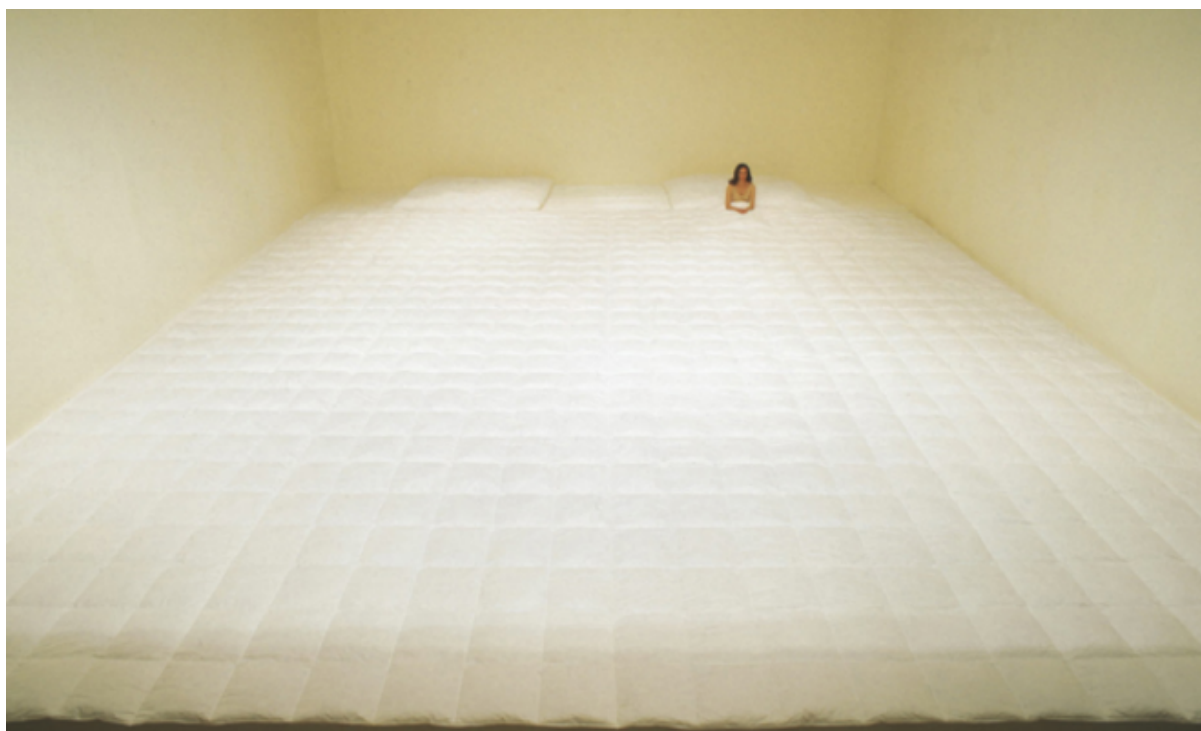
Fonte: Nelly Agassi | 5 Artworks at Auction | MutualArt

Figura 25 - Fotos Nelly Agassi 2: Performance *Innermost*, 2008.



Fonte: Nelly Agassi - PERFORMARTE ([performarte20.altervista.org](http://performarte20.altervista.org))

Figura 26 - Fotos Nelly Agassi 3: Performance *Bedroom*, 2005.



Fonte: 26.07 Nelly Agassi - ELEPHANT

A terceira artista escolhida se chama Ana Mendieta. Segundo a professora de



Arte Rute Ferreira, 2021, s/p, Ana Mendieta nasceu em Cuba, em 1948. Sua produção tem um caráter notadamente autobiográfico, marcado pelo contexto político e social vivido por ela e por considerar que o feminismo americano era um movimento da classe média branca, Mendieta procurou formas de romper esse limite com sua arte, conta a professora. Através da *body art*, ela traz à tona questões como a violência de gênero, estupro, além de outras questões, como a ancestralidade.

No texto de Rute, é mostrado como exemplo, como ela aparece em uma Imagem de Yagul, de 1973, onde se deita em uma tumba asteca e se funde à própria terra e as flores que cobrem seu corpo, tornando-se uma unidade com a natureza.

Figura 27 - Performances de Ana Mendieta. Imagem 1: "Untitled- Silueta Series", 1973-1978. Imagem 2: "Creek", 1974.



## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho teve a pretensão de elaborar a construção teórica e de experiência prática da criação de uma vídeo-performance, tendo como tema “Metamorfose que nasce”, onde ela conta sequencialmente os estados de um processo de metamorfose, traçando um paralelo ao nascimento humano e sua liberdade perante o novo contexto de realidade social contemporânea, contexto este que passamos há mais de 2 anos meio a uma pandemia da doença COVID-19, através de símbolos e elementos que demonstram a percepção do meu subjetivo e poética se tratando desses atravessamentos em uma existência.

A metodologia escolhida, que foi a A/R/Tografia, foi uma abertura de caminhos, já que é o tipo de metodologia que mais se encaixa não só com o tema da minha pesquisa, que é no campo artístico, mas também em como sua estrutura acontece. Nessa proposta de abordagem metodológica, as ideias em todos os campos, artístico, pesquisa e licenciatura, se atravessam e percorrem juntos, trazendo os aspectos que só são possíveis de constatar a partir da prática artística.

Minhas experiências como educadora se espelham na minha forma de olhar tudo aquilo que me rodeia. A ideia de desenvolver algo que se modifica a partir de um novo olhar, e que sua execução pode ultrapassar a criação fixa de roteiro, pesquisa, pré-experiência, o que constituem as aberturas, elas permitem as contradições e as resistências, um processo descontínuo que resiste ao que é previsível, confortável e seguro.

Por fim, trouxe metáforas, como a da borboleta e sua metamorfose, a liberdade e suas diferentes simbologias, ou seja, atribuição de novos sentidos figurados, substituindo termos já definidos em que, ao invés de perseguir a certeza do que é lógico e determinado universalmente, a a/r/tografia permite um encontro na imaginação, na experimentação, na singularidade e nas conjecturas que estão por vir.

Em uma pesquisa tão importante como esta para mim, foi fundamental retomar todos os fragmentos do percurso que me lembro enquanto uma criança, e como ela se encontrou e se moldou através da arte como possibilidade de aconchego no olhar, a fim de trazer as conexões do meu próprio eu. Trago aqui, a partir dessa escrita, o caminho das minhas motivações que por fim transpassam a origem e história dessa defesa.

Durante esse percurso, tive muitos desafios quanto à realização da performance em si. Como é um trabalho em que eu dependo, substancialmente, de uma equipe para realizar a parte de filmagens, voz, edição, acabei tendo alguns contratempos do prazo determinado, e várias outras questões pessoais que acabam atrapalhando a execução de uma arte que é tão pessoal, e usa o corpo como objeto, corpo esse que não obedece os estados que a mente precisa de tempo em tempo, o que consequentemente, não me permitiu desenvolver a escrita posterior a experiência prática proposta inicialmente na pesquisa.

Entretanto, agora começo a entender o percurso que quero trilhar, sinto meus processos internos muito mais claros e maduros, meus objetivos muito mais direcionados e uma vontade absurda de alçar voos infinitos dentro da Licenciatura em Artes Visuais e desse estudo que é tão extraordinário e essencial no meu existir.

Meu desejo final é que essa metamorfose não acabe, e que esse trabalho possa vir a passar por vários outros novos ciclos, de inícios e fins, até eu sentir a certeza de que pude falar, com todas as ferramentas e circunstâncias favoráveis e dispostas, sobre o tanto que se passa aqui dentro perante os aspectos que o aprofundamento desta investigação me traz e pode vir a trazer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVIC, Marina. Documentário acompanha um ano na vida de Marina Abramovic por André Miranda (Entrevista). 2012, s/p. Disponível em: <https://www.canalcontemporaneo.art.br/brasa/archives/004563.html>. Acesso em 12/05/2022.

ABRAMOVIC, Marina. A performance artística perturbadora de Marina Abramović. Disponível em: <https://home.naoacredito.com.br/marina-abramovic/> . Acesso em 31/05/2022.

ABRAMOVIC, Marina. Biografia de Marina Abramović. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/marina\\_abramovic/](https://www.ebiografia.com/marina_abramovic/) . Acesso em 31/05/2022.

ABRAMOVIC, Marina. Quem é a artista que impressiona o mundo com suas performances. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/12/marina-abramovic-quem-e-a-artista-que-impressiona-o-mundo-com-suas-performances/>.

AGASSI, Nelly. Disponível em: <http://jcva.org.prv05.dodihosting.com/artist.asp?artistid=32&catid=2> . Acesso em 31/05/2022.

Annabelle Butterfly Dance (Short film, 1894) - with Music. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0t1fBWpMmTM>

BAKER, K. A. (2017). Encontrando o meu caminho para a arte e fotografia. *Revista VIS: Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Artes Visuais*, 16(2), 8–26. <https://doi.org/10.26512/vis.v16i2.20649>.

COHEN, Renato. A performance como linguagem. Perspectiva: São Paulo, 2002

GLUSBERG, Jorge. A arte da Performance. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GOLDBERG, Rosellee. A arte da performance, São Paulo: Martins Fontes, 2015.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 2002. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003> Acesso em 10/11/2022.

LARROSA, Jorge Bondía. O professor ensaísta. Entrevista à Camila Ploennes. *Revista educação*. Disponível em <https://revistaeducacao.com.br/2013/05/03/o-professor-ensaista/>. Acesso em 10/11/2022.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte, verdade e pesquisa em educação. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artevera/arte-verdade-e-pesquisa-em-educacao-de-luciana-gruppelli-loponte/>, 2019.

LOPONTE, L.G. & Letsiou, M. (2020). Reflexões/ Reflections XIII · XIV da Educação e

das Artes na Era da COVID-19/from Education and the Arts in the COVID-19 Era. Communiars. Revista de Imagen, Artes y Educacion Crítica y Social, 4, 35-37.

IAVELBERG, Rosa. Arte, infância, formação docente e cultura na escola. Arte contemporânea e educação infantil: crianças observando, descobrindo e criando. Tradução . Porto Alegre: Mediação, 2017. . . Acesso em: 17 nov. 2022.

MENDIETA, Ana. Disponível em:  
<https://www.artistaslatinas.com.br/artistas-1/ana-mendieta> . Acesso em 31/05/2022.

MENDIETA, Ana. Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ana\\_Mendieta#cite\\_note-5](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_Mendieta#cite_note-5) . Acesso em 31/05/2022.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

VITÓRIA, Maria. O que é um Zine e por que você deve ficar de olho?- Disponível em: O que é um zine e porque você deve ficar de olho nele? (aeestranhamente.com). 11/11/2022.

SHARP, Willoughby. "Videoperformance". Trad. de Ana Ban. eRevista Performatus, Inhumas, ano 1, n. 6, set. 2013. ISSN: 2316-8102. Disponível em:  
<https://performatus.com.br/traducoes/videoperformance/>

SIEGESMUND, Richard; VASCONCELLOS, Sonia Tramujas. Conversas conspiratórias a favor da Pesquisa Educacional Baseada em Arte. Revista Digital do LAV, Santa Maria: UFSM, v. 12, n. 2, p. 181-195, mai./ago. 2019.

## APÊNDICE

### 1º Planejamento de Roteiro:

O projeto foi escrito anteriormente à nova estrutura de planejamento.

Cena 1:

#### **Som Off: Água corrente do Rio Carioca.**

CARIOCA: Escolher uma parte do percurso do rio que tenha maior entrada de luz (Pode ser no horário de nascer do sol ou no pôr do sol - DIA VAZIO).

Árvore: Árvore casa do artesão. Plano horizontal, centralizado.

#### **Som off: Água corrente paralelo som de coração batendo no útero (aumentado aos poucos).**

Plano de detalhe da água sangrenta na piscina (casa rafa). Flor branca nascendo.(youtube)

Cena 2:

#### **Som off: Coração batendo.**

TEATRO: Rafa está no casulo em posição fetal no chão.

ÁRVORE: (Pode ser no horário de nascer do sol ou no pôr do sol). Rafaela está no casulo em posição fetal no chão.

CARIOCA: Plano de detalhe Rafaela, só a palma das mãos de fora.

PISCINA: Plano de detalhe Rafaela na água vermelha, só a palma das mãos de fora.

Flor vermelha florescendo (youtube-normal e reverso).

Cena 3:

#### **Som off: Água caindo jarra.**

Teatro São Joaquim. Rafaela derrama jarra de vidro com sangue(hibisco) em recipiente de vidro. (Iluminação forte e centralizada).

Cena 4:

**Som off: Piano (entra devagarzinho, o som vai aumentando) ÁRVORE:**

Performance dentro do casulo em movimento, lagarta.

TEATRO: Performance dentro do casulo em movimento, lagarta. Teatro. Duas cenas (uma em reverso).

ÁRVORE: Performance dentro do casulo, lagarta.

Cena 5:

**Som off: som do útero.**

PISCINA: Dentro da piscina vermelha, corpo com a boca e as mãos de fora.

**Som off: Respiração.**

CARIOCA: Performance saindo da água da carioca.

PISCINA: Performance terminando a saída na água da piscina vermelha. ( Metade do corpo)

Cena 6:

**Som Off: Água caindo jarra.**

TEATRO: Jarra caindo água com flores rosa em um recipiente de vidro. Cena 7:

**Som OFF: Carioca.**

Mãos cobertas com a água e flores. (Piscina)

Flor Rosa florescendo(youtube)

Cena 8/9:

**SOM OFF: Mar.**

TEATRO: Performance com casulo, projeção no teatro: Água de mar, referências aquáticas. Se possível, projeção nos três lados do palco.

**SOM OFF: PIANO. (procurar um som bonito, que represente um nascimento).**

ÁRVORE: Performance na árvore.

CARIOCA: sair com o corpo inteiro na carioca.

PISCINA: Sair o corpo inteiro na piscina vermelha.

**SOM OFF: RUA DE GOIÁS.**

TEATRO: Cortando o casulo com a boca, mãos.

PISCINA: Piscina vermelha com maçãs.

**SOM OFF: GRITO OU ALGO AGONIZANTE.**

ÁRVORE: Cortando o casulo com a boca, mãos.

Cena 10:

PISCINA: Rafaela em pé

PISCINA: Cena paralela, Rafaela na mesma posição, só que a piscina cheia de maçãs.

Fruta entrando em decomposição.(YOUTUBE)

**SOM OFF: Mastigando (ASMR).**

PISCINA: Rafaela está comendo uma das maçãs. Essa cena ela come várias maçãs, então vão ter frames desse processo.

TEATRO: Jarra com maçãs comidas caindo em um recipiente. Fruta entrando em decomposição.

Jarra com maçãs comidas caindo em um recipiente.

Plano detalhado nas maçãs que caíram.

Cena 11:

**Som off: AGONIZANTE.**

TEATRO: Amarras no palco do Teatro, suspensas na parte superior e amarradas no figurino Rafaela. Rafaela tenta ir desamarrando.

TEATRO: Todas as amarras em cima da Rafaela no palco. ÁRVORE: Performance tirando amarras da boca na árvore. (dentro do casulo) TEATRO: Tentando puxar as amarras suspensas. ÁRVORE: Todas as amarras em cima da Rafaela.

TEATRO: Performance tirando amarras da boca no palco. ÁRVORE: Tirando amarra da boca.

TEATRO E ÁRVORE: Saindo do Casulo.

Cena 12:

**Som off: ÁGUA.**



Flor violeta florescendo. (YOUTUBE)

ÁRVORE: As amarras estão sendo lavadas dentro da água vermelha na piscina( ou bacia), torcidas e colocadas no aquário.

**SOM OFF: entra algum instrumental.**

Piscina: As amarras estão sendo lavadas dentro da água vermelha na piscina (ou bacia), torcidas e colocadas em um balde.

(procurar saber se pode no teatro).

TEATRO: Cena da Jarra com flores de várias cores em uma água clara derramando no aquário.

Cena 13:

**Som Off: Uma música mágica, que transmita evolução. Com violão e piano.**

TEATRO: Pegar todas as amarras e fazer a estrutura das asas no palco. Processo lento. (Finalizando).

Cena 14:

TEATRO: Finalizar a estrutura em cima do palco, centralizar e deitar no meio.

Cena 15:

Cena final termina na árvore de frente a casa do artesão. Rafaela se deita entre as asas da borboleta, elas vão estar cobertas por flores violeta.

Cena 16:

Plano de detalhe no corpo. Saindo com imagens do drone que se afasta aos poucos até parte alta da cidade.

**Cronograma.**